mag azine

MONTEMURO, ARADA E GRALHEIRA

Trimestral | Nº8 • Inverno 2012

Turismo | Ambiente | Cultura | Projetos

AROUCA | CASTELO DE PAIVA | CASTRO DAIRE | CINFÃES | SÃO PEDRO DO SUL | SEVER DO VOUGA | VALE DE CAMBRA

Canoagem de águas bravas. Ricardo Inverno

MONTANHAS MÁGICAS

Rio Vouga - Energia, Património e Descoberta

Desportos de inverno

Doçaria Regional das Montanhas Mágicas

Bruno Costa: Frecha da Mizarela

FICHA TÉCNICA

Propriedade
ADRIMAG
Praça Brandão Vasconcelos, 10
Apartado 108
4540-110 AROUCA
Telef.: 256 940 350
Fax: 256 940 359
E.mail: magazine@adrimag.com.pt
Site: www.adrimag.com.pt

Direção Editorial
João Carlos Pinho

Coordenação
Carminda Gonçalves

Redação
Carminda Gonçalves
Goreti Brandão
Ana Teixeira

Colaboração permanente
Município de Arouca
Município de Castelo Paiva
Município de Castro Daire
Município de Cinfães
Município de S. Pedro do Sul
Município de Sever do Vouga
Município de Vale de Cambra

Colaboração especial nesta edição
Alexandra Paz, Daniela Rocha, Vânia Correia,
António Duarte, Artur Sá
Ricardo Inverno
Sérgio Alves

Fotografia
ADRIMAG
Clube de Canoagem e Águas Bravas de Portugal
Paulo Pereira
João Cosme
AGA

Revisão
Fátima Rodrigues

Design Gráfico e Paginação
Multitema / Tiago V. Silva

Impressão
Multitema

Periodicidade
Trimestral

Distribuição
Gratuita

Tiragem
2000 exemplares

Depósito legal
326348/11

Interdita a reprodução de textos e imagens por quaisquer meios

Escreva-nos para:
magazine@adrimag.com.pt, ou
MAGazine "Montemuro, Arada e Gralheira"
Praça Brandão de Vasconcelos, 10 . Apartado 108
4540-110 AROUCA

Editorial

A palavra inverno traz sempre à memória o frio, a chuva, o vento e as tempestades, mas na região das Serras de Montemuro, Arada e Gralheira – Montanhas Mágicas, o inverno é tempo de contemplar a paisagem, usufruir da natureza, praticar desportos aventura e até apreciar os mantos brancos de neve que o inverno estende, esporadicamente, nos pontos mais altos das serras.

Nesta edição da MAGazine encontra todos os motivos para nos visitar e usufruir das inúmeras potencialidades deste território, desde os desportos mais radicais nos diversos cursos de água, onde se destaca o Rio Paiva, à calma da observação da fauna e da flora e da contemplação da diversidade paisagística.

Se a paisagem é deslumbrante, a gastronomia é convidativa, e nesta edição poderá, ainda, tomar conhecimento dos saborosos doces regionais, nos quais este território é tão rico.

Fica o desafio para um perfeito dia de inverno, com uma descida de rafting no rio Paiva, uma visita a um dos inúmeros museus, um jantar com carne arouquesa, alojamento no turismo rural, uma lareira acesa e uns doces regionais, acompanhados de um bom vinho para finalizar a noite.

Está nas suas mãos toda a informação de que necessita para uma visita à região das Montanhas Mágicas, que solicitou, recentemente, a atribuição do galardão da Carta Europeia de Turismo Sustentável, porque é desta forma que queremos encarar o futuro do turismo neste território, de forma sustentável.

Seja bem-vindo e até breve.

João Carlos Pinho
Coordenador da ADRIMAG

Índice

Editorial 03

MAG Notícias 06

Destaque
Rio Vouga - Energia, Património e Descoberta! 14

Programas, Passeios e Aventuras
Canoagem de Águas Bravas no rio Vouga 25
Desportos de inverno nas Montanhas Mágicas 27

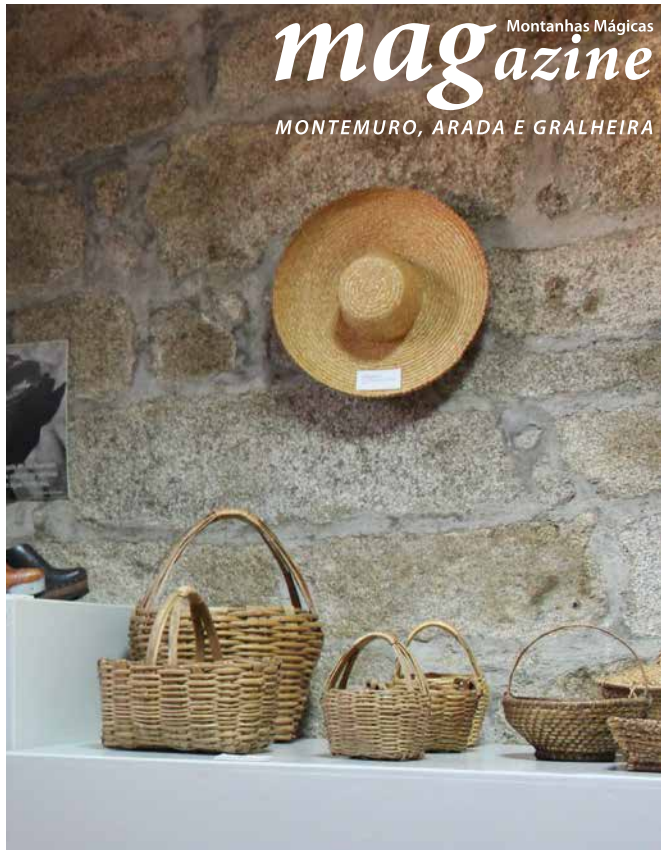
Observatório de Turismo & Ambiente
Carta Europeia de Turismo Sustentável das Montanhas Mágicas
Estratégia, Objetivos e Programa de Ação 2013-2017 30
A biodiversidade no vale do Vouga 36

Satélite Cultural
Doçaria Regional das Montanhas Mágicas 39
Elementos distintivos da arquitetura tradicional 48

MAG Eventos
Calendário de Eventos de Inverno 2012/2013 53

Projetos & Iniciativas
Casa das Pedras Parideiras 54
Projetos PROVERE 56

Contactos Úteis 59



Museu Municipal de Castro Daire

PROVERE
Programa de Valorização Económica de Recursos Endógenos

ADRIMAG apresentou candidatura "Carta Europeia de Turismo Sustentável das Montanhas Mágicas" à Federação EUROPARC

No dia 23 de janeiro de 2013 foram publicamente assinados os "Princípios da Carta Europeia de Turismo Sustentável das Montanhas Mágicas", ato que oficializou a candidatura do território abrangido pelo Arouca Geopark e pela rede de Sítios Natura 2000 Rio Vouga, Rio Paiva, Serras da Freita e Arada e Serra de Montemuro, àquele galardão europeu.

A cerimónia realizou-se no Salão Nobre da Câmara Municipal de Arouca, espaço gentilmente cedido pela edilidade, à ADRIMAG, e contou com a presença dos Srs. Presidentes de Câmara dos sete municípios abrangidos pelo Território CETS Montanhas Mágicas – Arouca, Castelo de Paiva, Castro Daire, Cinfães, São Pedro do Sul, Sever do Vouga e Vale de Cambra, bem como de vereadores e técnicos dos municípios, representantes de organismos públicos, empresários, representantes de associações e clubes que integraram a Equipa Técnica de Projeto, a Comissão de Acompanhamento e o Fórum Permanente da CETS e acompanharam, desde o início, todo o processo de preparação da candidatura, em colaboração com a ADRIMAG e a Ponto Natura, empresa responsável pela sua elaboração.

O dossier de candidatura foi enviado à Federação Europarc no dia 28 de janeiro de 2013, aguardando-se agora o agendamento de auditoria ao Território CETS Montanhas Mágicas.

Salienta-se que esta candidatura constitui uma das ações do "Projeto de Gestão da Parceria PROVERE – Montemuro, Arada e Gralheira, cofinanciado pelo Programa Operacional Regional do Norte – ON.2 – O Novo Norte, no âmbito do QREN – Quadro de Referência Estratégico Nacional 2007-2013.

Para informações mais detalhadas, consultar o artigo que consta na rubrica "Observatório de Turismo e Ambiente" da presente edição e/ou o blog *http://cetsmontanhasmagicas.blogspot.pt/*.

"Rotas do Volfrâmio na Europa" estiveram representadas no 25º aniversário dos Itinerários Culturais do Conselho da Europa

A ADRIMAG, em representação da parceria do projeto "Rotas do Volfrâmio na Europa, Memória dos Homens e Património Industrial" (routesofwolfram.eu/pt), esteve presente na comemoração do 25º aniversário dos Itinerários Culturais do Conselho da Europa que decorreu no Conselho da Europa, em Estrasburgo, no dia 21 de novembro de 2012. O convite foi formulado pelo IEIC - Instituto Europeu dos Itinerários Culturais (www.culture-routes.lu/), sedeado no Luxemburgo, responsável pela gestão e dinamização deste programa do Conselho da Europa.

A cerimónia foi presidida pelo Secretário-Geral do Conselho da Europa – M. Thorbjorn Jagland que teceu um largo elogio aos representantes dos Itinerários Culturais já reconhecidos, pelo trabalho que têm vindo a desenvolver, e fez um apelo para que, à semelhança de países como a Sérvia, Lituânia e Andorra, que ade-

riram recentemente ao Acordo Parcial Alargado, e da Alemanha e Mónaco que vão formalizar a sua adesão em janeiro de 2013, outros países, membros ou não, aderissem ao projeto dos itinerários culturais.

Após as intervenções foi inaugurada a exposição dos itinerários culturais. Os " Caminhos de Santiago" foram o primeiro itinerário cultural a ser reconhecido, em 1987, tendo marcado o início deste importante programa do Conselho da Europa. Atualmente são 24 os itinerários reconhecidos desde os "Caminhos de Santiago" às "Rotas da Oliveira", passando pela "Via Francigena" e a "Via Regia", partilhando todos eles o objetivo de ilustrar as culturas europeias, as tradições e o património, promovendo o diálogo intercultural e o turismo cultural sustentável.

Os temas dos itinerários culturais são diversos abrangendo, a título de exemplo, a Rota dos Vikings, a Rota Iter Vitis (Os Caminhos da Vinha), o itinerário europeu das Cidades Termais Históricas, a Rota Europeia das Abadias Cistercienses ou ainda a Rota Europeia dos Cemitérios. Apesar da sua diversidade, todas elas visam comunicar os valores do Conselho da Europa às populações locais, sendo vetores de base da cooperação cultural ajudando a promover o diálogo intercultural onde estão estabelecidas.

O objetivo é que, até ao final de 2013, sejam reconhecidos mais 10 itinerários culturais.

ADRIMAG participou no Fórum Consultivo Anual dos Itinerários Culturais do Conselho da Europa

No seguimento da participação no 25º aniversário dos Itinerários Culturais do Conselho da Europa, em Estrasburgo, a ADRIMAG esteve presente no *Fórum Consultivo Anual dos Itinerários*

Culturais do Conselho da Europa que decorreu em Colmar, França, nos dias 22 e 23 de novembro de 2012.

O Fórum foi presidido e orientado pela Secretária Executiva do IEIC – Instituto Europeu dos Itinerários Culturais, Mdme. Penélope Denu, que contou com o apoio da equipa técnica do referido instituto. Realça-se a intervenção de Eric Philippart, responsável da Comissão Europeia, que salientou que apesar de a Europa ser o maior destino turístico do mundo, existem muitos desafios a enfrentar e terá que haver uma preocupação constante pela melhoria e diversificação da oferta turística. É imperioso criar um desejo permanente pelos destinos da Europa, sendo uma das suas maiores vantagens competitivas o seu património cultural, pelo que o mesmo deve ser melhor explorado.

O turismo cultural foi identificado como o melhor ponto de partida para diferenciar a nossa oferta turística, constituindo a primeira prioridade referenciada no atual Quadro de Ação apresentado pela Comissão Europeia (COM(2010)352). Um dos grandes desafios da atualidade é apoiar o desenvolvimento de redes transeuropeias de produtos turístico-culturais, em particular para ter acesso a mercados internacionais e enfrentar os desafios da nova economia do turismo. A Europa deve ser promovida como um "destino turístico único".

Referiu que a dimensão cultural beneficia de um forte apoio num contexto de dificuldade orçamental.

Os itinerários culturais do Conselho da Europa apresentam-se como um fenómeno turístico genuinamente europeu. A riqueza das suas temáticas e o seu âmbito geográfico fazem deles um importante ativo para o turismo europeu. O programa dos Itinerários Culturais tem revelado o enorme potencial destas iniciativas de base para o desenvolvimento do turismo cultural.

No decorrer do Fórum foi ainda possível:

- partilhar boas práticas na gestão de itinerários culturais, transmitidas por representantes de itinerários já reconhecidos, que serão particularmente úteis na montagem do projeto das "Rotas do Volfrâmio na Europa" e na elaboração da candidatura para o seu reconhecimento enquanto "*Itinerário Cultural do Conselho da Europa*";

- obter informações sobre a forma de organização das entidades responsáveis pelos itinerários e também algumas ideias sobre a sua promoção e divulgação e forma de transformar os itinerários num produto turístico sustentável;

- tomar conhecimento dos principais desenvolvimentos do programa dos itinerários culturais a nível europeu, nomeadamente as últimas atividades desenvolvidas, bem como os planos para o ano 2013.

Montanhas Mágicas, uma Estratégia para o Turismo Sustentável

No âmbito do projeto de Gestão e Dinamização da Parceria PROVERE (QREN/ON2) - "Montemuro, Arada e Gralheira", realizou-se no dia 17 de dezembro de 2012, no auditório da Escola Secundária de Arouca, um Workshop promovido pela ADRIMAG denominado de "Montanhas Mágicas, uma Estratégia para o Turismo Sustentável".

Ao longo da sessão de trabalho foram discutidas estratégias de desenvolvimento local, assentes num turismo responsável e sus-

tentável, para um território com áreas protegidas e/ou classificadas, como é o caso das serras de Montemuro, Arada e Gralheira - "Montanhas Mágicas" e o Geoparque integrado nas Redes Europeia e Global de Geoparques, sob os auspícios da UNESCO – Arouca Geopark.

No primeiro painel foram exploradas oportunidades ligadas ao setor do turismo, com grande enfoque para o turismo de natureza, como produto turístico estratégico do Norte de Portugal. Carlos Ferreira, em representação do Turismo do Porto e Norte, explorou o setor do turismo no âmbito da natureza, do geoturismo e sustentabilidade. Por sua vez, Paulo Castro – Ponto Natura, apresentou o programa de ação que traduzirá a candidatura à "Carta Europeia de Turismo Sustentável".

No segundo painel, destacaram-se a partilha de boas práticas de entidades com experiência consolidada no âmbito do turismo sustentável e com galardão reconhecido pela Federação Europarc como territórios com Carta Europeia de Turismo Sustentável aprovada. Andre Berger, representante do Parque Natural Regional do Luberon (França) e Sónia Almeida, representante da ADERE Peneda Gerês, deixaram alguns pontos de reflexão em torno da implementação de estratégias de desenvolvimento turístico sustentável.

De referir, ainda, que participaram nesta sessão de trabalho todo um conjunto de atores locais públicos e privados ligados ao desenvolvimento turístico.

Projeto E-ARTE marca presença na FONARTES 2012, em Cabo Verde

A ADRIMAG deslocou-se a Cabo Verde, de 13 a 17 de novembro, para a realização da reunião de parceria no âmbito do Projeto de Cooperação Leader para o desenvolvimento E-ARTE e para a participação no FONARTES 2012 - Fórum Nacional de Artesanato de Cabo Verde.

Estiveram presentes nesta visita técnicos da ADRIMAG, da ADEI – Agência para o Desenvolvimento Empresarial e Inovação, com sede em Cabo Verde, e do CEARTE – Centro de Formação Profissional do Artesanato, na pessoa do Dr. Luís Rocha, os quais participaram na reunião com os parceiros e individualidades políticas de Cabo Verde, o Ministro da Cultura, Dr. Mário Lúcio Sousa, a assessora para as Indústrias Criativas, e representantes de Moçambique e do SEBRAE – Brasil.

Nesta reunião foi prestado o reconhecimento por parte do Ministro da Cultura em relação à boa execução do projeto E-ARTE, emergindo uma proposta de upgrade do mesmo, com vista à internacionalização do artesanato de Cabo Verde. Para o efeito, concertar-se-ão esforços no sentido de levar a cabo o Mercado Mundial de Artesanato (MAR), a realizar-se em Cabo Verde no próximo ano, utilizando como suporte as estruturas e contributos das atividades em desenvolvimento no âmbito do projeto E-Arte. A ADRIMAG, enquanto coordenadora do projeto e principal interveniente neste objetivo futuro, submeteu já uma candidatura à Comissão Europeia, no âmbito do programa de apoio ao setor cultural dos países ACP - África, Caraíbas e Pacífico, EUROPEAID, no sentido de dar continuidade ao desenvolvimento deste setor na área de intervenção da ADRIMAG.

Importa, também, salientar a comunicação das técnicas Catarina Prado da ADRIMAG e Carina Pires da ADEI, as quais deram a conhecer aos artesãos presentes o contributo do projeto E-Arte no desenvolvimento do artesanato de Cabo Verde, assim como focaram os objetivos do projeto e, de uma forma clara, todas as ações a desenvolver, dando principal destaque ao portal de comercialização, guia, manual de boas práticas de artesanato, à formação de técnicos de empreendedorismo para apoio aos artesãos e à participação dos mesmos em feiras em Portugal e no Brasil.

Paralelamente ao evento FONARTES, e no seguimento da formação em Empreendedorismo decorrida em janeiro de 2012 para técnicos de 11 instituições locais, foram realizadas 2 sessões de atualização da formação pela formadora/técnica Cláudia Silva, da ADRIMAG. A sessão culminou com a formalização do protocolo de adesão da ADEI à Rede CRER, e com a entrega dos certificados de formação aos agora técnicos de empreendedorismo CRER, com a

presença do Ministro do Turismo, Indústria e Energia, Dr. Humberto Brito, o qual reforçou a importância desta metodologia na promoção do empreendedorismo a nível nacional.

Formação CRER FACE em Amarante permite a disseminação da Metodologia CRER para as ADL's da Região Norte

A ADRIMAG desenvolveu mais uma Formação de Técnicos CRER (CRER FACE), desta vez no âmbito do Projeto "Turismo de Aldeia como Potencial Dinamizador dos Núcleos Rurais" do Programa Rede Rural Nacional. A formação, que decorreu em Amarante, foi ministrada pelos técnicos Cláudia Silva e Jorge Ferreira, e teve como formandos 18 técnicos de Associações de Desenvolvimento Local da região Norte de Portugal.

Os formandos obtiveram conhecimentos sobre a Metodologia CRER e, de uma forma prática, descobriram os instrumentos e as técnicas de apoio ao empreendedorismo. Estes técnicos consideraram esta ação de extrema importância para o desenvolvimento de novas ações de promoção do empreendedorismo e da criação de empresas nas suas associações. Nas suas entidades, o apoio ao empreendedorismo será reforçado com o recurso aos instrumentos e técnicas do CRER, e espera-se que sejam criadas pequenas empresas no seguimento desta nova vertente de apoio.

No seguimento desta formação, a Rede de entidades que utilizam esta metodologia fica enriquecida, totalizando neste momento 25 membros nacionais.

Arouca

Arouca recebeu mais de 500 árvores nativas

O dia de 1 de dezembro de 2012 foi dedicado à plantação de árvores, numa parcela junto aos viveiros da Granja, localizados na serra da Freita. Curadores da Floresta, colaboradores da CCDR-N, escuteiros, técnicos do município e do ICNF – Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas, e um grupo de bombeiros voluntários compuseram o grupo de voluntários que plantaram mais

de 500 castanheiros, carvalhos e bétulas, nesse dia. Marcou também presença a vereadora da autarquia arouquense, com o pelouro do Ambiente, Isabel Vasconcelos. O solo gelado e a inclinação do terreno fez com que o trabalho fosse mais demorado, mas a vista espetacular e a paisagem em redor foram um permanente estímulo para que todos os intervenientes dessem o melhor de si.

Esta atividade, desenvolvida no âmbito do FUTURO - projeto das 100.000 árvores na Área Metropolitana do Porto, foi promovida pelo CRE.Porto – Centro Regional de Excelência – Educação para o Desenvolvimento Sustentável, em colaboração com a Câmara Municipal de Arouca, a CCDR-N e o ICNF.

Castelo de Paiva

Castelo de Paiva deu início às comemorações dos 500 anos da outorga do Foral Manuelino à Terra de Payva

Foral Manuelino
terra de Payva 500 anos
(1513-2013)

No feriado do 1º de dezembro, a Câmara Municipal de Castelo de Paiva deu início ao ciclo comemorativo dos 500 anos da outorga do Foral, pelo rei D. Manuel, à Terra de Payva, ciclo esse que se vai estender até ao próximo dia 01 de dezembro de 2013.

Esta iniciativa de alcance cultural, cuja sessão de abertura presidida pelo Presidente da Câmara decorreu no Salão Nobre dos Paços do Concelho, juntou, no mesmo evento, história, música e teatro, contemplando momentos distintos dirigidos a todas as faixas etárias e interesses específicos da população: desde a palestra proferida pelo Professor Manuel Joaquim Rocha, com apontamentos sobre a História do concelho e sobre os Forais, entre os quais o de Payva, passando por um concerto da Academia de Música de

Castelo de Paiva no Auditório Municipal, um espetáculo de teatro de rua levado a cabo pelo Grupo Strapafourd, culminando com um espetáculo musical do grupo " The Dixies Boys " que, com o seu melhor reportório, contagiaram os entusiastas da música rock.

Castro Daire

Colóquio Mosteiro da Ermida

A Igreja da Ermida do Paiva, monumento medieval do séc. XII, foi o tema do Colóquio realizado em Castro Daire, no dia 26 de novembro, no Auditório do Centro Municipal de Cultura.

Para dar início à Jornada, D. António Couto, Bispo da Diocese de Lamego, celebrou a eucaristia, no próprio Templo, à qual assistiram, além dos convidados, dezenas de populares locais e ainda um Frei Premostratense de nacionalidade norte americana, pertencente à ordem de D. Roberto - fundador do Mosteiro da Ermida do Paiva.

Para dar continuidade a esta Jornada, realizou-se, durante a tarde o colóquio "Mosteiro da Ermida – A Ermida do Paiva no Portugal Medieval", no qual vários oradores convidados apresentaram alguns estudos relacionados com a história e origem deste magnífico templo românico.

Este evento foi organizado pelo Município de Castro Daire em parceria com o Instituto de Artes e Ofícios, com o intuito de promover a Ermida do Paiva e torná-la num maior polo de atração turística, visto que este monumento é, indubitavelmente, uma referência para quem nos visita.

O dia culminou com a inauguração da Exposição "A Ermida e os Premonstratenses Portugueses", presente na Biblioteca Municipal, destacando as réplicas da Mitra e do Báculo, do séc. XIII, pertencentes aos prelados do Mosteiro, cujos originais se encontram expostos no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa.

Cinfães

Inaugurado museu etnográfico em Nespereira

A Associação Recreativa Grupo Folclórico de Nespereira inaugurou no dia 29 de dezembro o museu etnográfico localizado na Quinta da Granja. Uma cerimónia presidida pelo secretário de Estado das Florestas e Desenvolvimento Rural, Daniel Campelo, que contou também com as presenças do Presidente do Município, Pereira Pinto e do presidente da Federação do Folclore Português, Fernando Ferreira.

O Grupo Folclórico de Nespereira, que comemorou recentemente as bodas de ouro, viu cumprido um sonho de uma década. Em 2002, a instituição adquiriu a Quinta da Granja com o objetivo principal de salvaguardar a identidade local e regional através da preservação, partilha e mostra de vivências. A intervenção que representa um investimento superior a 400 mil euros contou com o apoio da abordagem Leader através do PRODER com atribuição de uma verba no valor de 120.775€. O Município de Cinfães também apoiou este projeto com a atribuição de quase 60 mil euros para aquisição de terreno e obra. A Junta de Freguesia de Nespereira também deu o seu contributo através da atribuição de 10 mil euros.

O edifício intervencionado manteve a traça tradicional no corpo principal (zona de exposições – museu) tendo sido equipado com cozinha, sala de convívio, salão polivalente e salas de apoio administrativo. O objetivo da instituição passa por transformar o equipamento num polo de atividades culturais próprias, bem

como da comunidade onde se insere. Além do edifício intervencionado, a instituição tem ao seu dispor um amplo espaço exterior onde se inserem a eira, o canastro e toda a atividade agrícola, bem como uma capela que está inserida no espaço público. Preparado para receber vários tipos de eventos, exposições, visitas didáticas, este museu insere-se numa zona do vale que permite, com recurso a um passeio pedestre pela zona mais histórica, visitar um moi-

nho de linho recuperado pela instituição e que pretende manter vivo o ciclo do linho, bem como visitar capelas, igrejas, edifícios de traça tradicional e as zonas de lazer da freguesia (Ponte da Balsa e Parque Nossa Senhora de Lurdes).

Com um plano de atividades intenso, mais de que um espaço de exposição, pretende ser um espaço de interação que espera por si, durante todo o ano, onde os sabores se confundirão com os saberes...

S. Pedro do Sul

Seminário: "Turismo de Saúde e Bem-Estar – Internacionalização – Termas de S. Pedro do Sul"

O Auditório do Balneário Rainha D. Amélia, nas Termas de S. Pedro do Sul, foi palco, durante a manhã do passado dia 6 de dezembro, de um seminário internacional, denominado "Turismo de Saúde e Bem-Estar: Oportunidades nos mercados internacionais", com particular enfoque na marca Termas de Portugal e no mercado alemão, maior mercado emissor neste setor.

Quatro oradores usaram da palavra: Claudia Wagner (Alemanha) abordou o tema "Turismo de Saúde e Bem-Estar: Tendências e motivações"; Kurt Von Storch (Alemanha) exemplificou os "Critérios de Qualidade e Certificação: EuropespaMed"; Udo Sennlaub (Alemanha) falou sobre "Seguros de Saúde: Enquadramento e oportunidades"; e, por último, Csilla Mezosi (Hungria) deu a conhecer o "Turismo Termal e Turismo Médico na Hungria".

Para além das questões relacionadas com a construção do produto e respetiva comercialização e promoção para uma entrada competitiva no mercado alemão, o seminário abordou o potencial do desenvolvimento do Turismo Médico em Portugal e a respetiva articulação com o Turismo Termal para desenvolvimento de destinos únicos e atrativos nos mercados internacionais.

Importa, ainda, realçar que foi feito o enquadramento da estratégia de internacionalização das Termas de Portugal à luz das oportunidades do contexto internacional.

Na agenda da União Europeia para a Saúde 2014-2020, a prevenção da doença será o motor da política definida para os Estados Membros, como aliás se demonstra pelas palavras do Comissário Europeu para a política de Saúde e Consumo (John Dali): *"Temos que manter a população europeia longe das camas de hospital; teremos de obter maior compromisso político e alocar mais recursos para a Prevenção de Doença; e o nosso objetivo é proporcionar à população europeia mais dois anos de vida"*.

Da Diretiva Europeia 2011/24/EU - Cuidados de Saúde Transfronteiriços - a Associação das Termas de Portugal chamou a atenção dos agentes económicos, mas sobretudo do Estado português, que caso o sistema de reembolsos no Termalismo não seja reposto, as Termas de Portugal não poderão competir internacionalmente neste âmbito. A verificar-se, Portugal ficará fora da competição internacional, não por razões de mercado, mas por razões de natureza política, o que é de todo inaceitável e contraria, inclusivamente, os objetivos do Governo em promover a internacionalização da economia.

Da Resolução (2010/2206 INI) do Parlamento Europeu intitulada "Europa, o primeiro destino turístico no mundo – um novo enquadramento político para o turismo na Europa", o artigo n.º58 refere que deverá ser dada maior atenção ao crescimento e desenvolvimento do segmento Turismo de Saúde e Bem-Estar e, em particular, ao Termalismo.

O Seminário foi organizado pela Associação das Termas de Portugal e pelo PROVERE Termas do Centro, teve o patrocínio do Turismo de Portugal IP e com o apoio da Agência Regional de Promoção Turística do Centro de Portugal, da Câmara Municipal de S. Pedro do Sul e da Termalistur, EEM.

Fotos: https://pinterest.com/termasportugal/seminario-internacionalizacao/

Sever do Vouga

Luís de Matos CHAOS

No âmbito da comemoração do 11º aniversário, o Centro das Artes do Espetáculo de Sever do Vouga apresentou ao público, no dia 10 de novembro de 2012, pelas 22 horas, "Chaos de Luís de Matos", um espetáculo de magia para toda a família.

Os noventa minutos de espetáculo combinaram a ilusão e a imaginação coletiva de todos os que nele participaram, associado a uma experiência mágica de mistérios tornados realidade.

O espetáculo teve lotação esgotada e conquistou o público que participou e se surpreendeu numa tentativa de decifrar os vários enigmas. No decorrer do espetáculo, o CAESV disponibilizou o serviço de babysiting com atividades lúdico-pedagógicas para as crianças.

Vale de Cambra

PAÇOS DO CONCELHO RECUPERADO

Preservar a História e Dinamizar o centro da Cidade

Recuperado, preservado, moderno. Três palavras definem as obras de requalificação do edifício dos Paços do Concelho localizado no coração da Cidade de Vale de Cambra. Inauguradas no passado dia 28 de dezembro de 2012 (sexta-feira) em ambiente de festa, este foi o dia em que o edifício situado no número 458 da Avenida Camilo Tavares de Matos, se mostrou, de portas abertas à Comunidade, realçando a importância da preservação daquele que é o símbolo da identidade local.

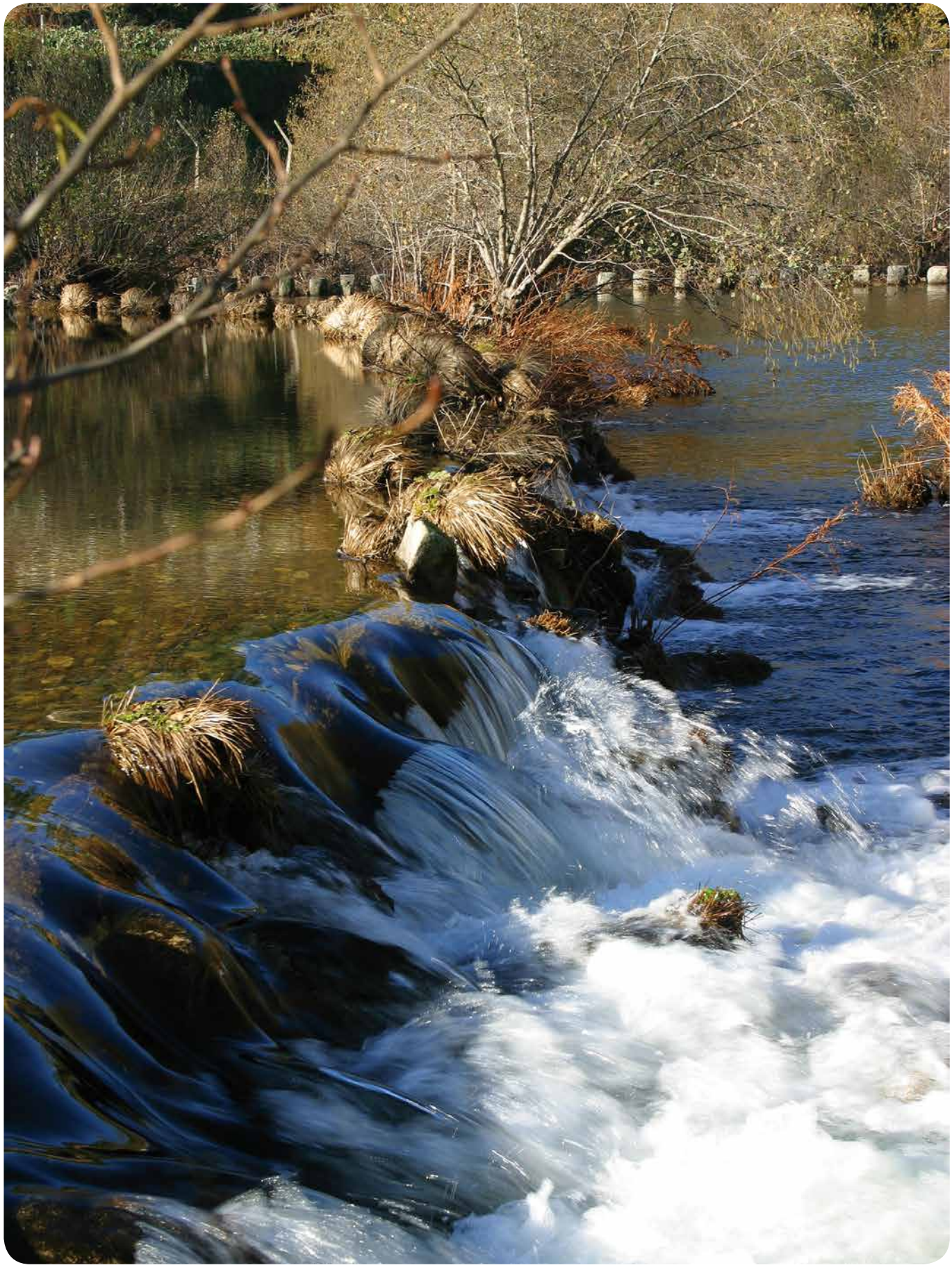
A Câmara Municipal deu, assim, mais um passo em frente na preservação da história local, bem como na melhoria do atendimento ao munícipe, fazendo ainda funcionar no local - não só a Presidência, o Serviço de Atendimento e o Posto de Turismo - mas também, a Segurança Social e os Registos Civil, Predial e Comercial.

Convicto de que a reativação do edifício, com novas valências, contribui também para a dinamização do centro da Cidade, o Presidente da Câmara Municipal proferiu, no seu discurso, que "voltamos a ocupar este simbólico edifício, dando-lhe um novo aspeto e uma nova vida, no respeito pelo caráter dos seus traços essenciais".

Terminando, desta forma, o ciclo das obras públicas previstas na candidatura da Regeneração Urbana, a recuperação do edifício dos Paços do Concelho de Vale de Cambra representa a solidez do trabalho e do empenho em promover mais e melhor qualidade de vida para os cidadãos. Nas suas palavras, José Bastos deixou ainda um apelo à preservação dos espaços públicos, assim como à sua dinamização e utilização cívica.

No final, realçou o papel importante que todos os autarcas cambrenses desempenharam naquele espaço, reforçando ainda que "a história de Vale de Cambra também é feita pela história do esforço e da dedicação de todos esses autarcas. A inauguração destas obras de recuperação é também um momento de homenagem que, a todos eles, sem exceção quero prestar".

Os Paços do Concelho de Vale de Cambra estão abertos de segunda a sexta, entre as 9h e as 17h30, e ao sábado está aberto, ainda, o Posto de Turismo, entre as 10h e as 13h00 e as 14h e as 18h.



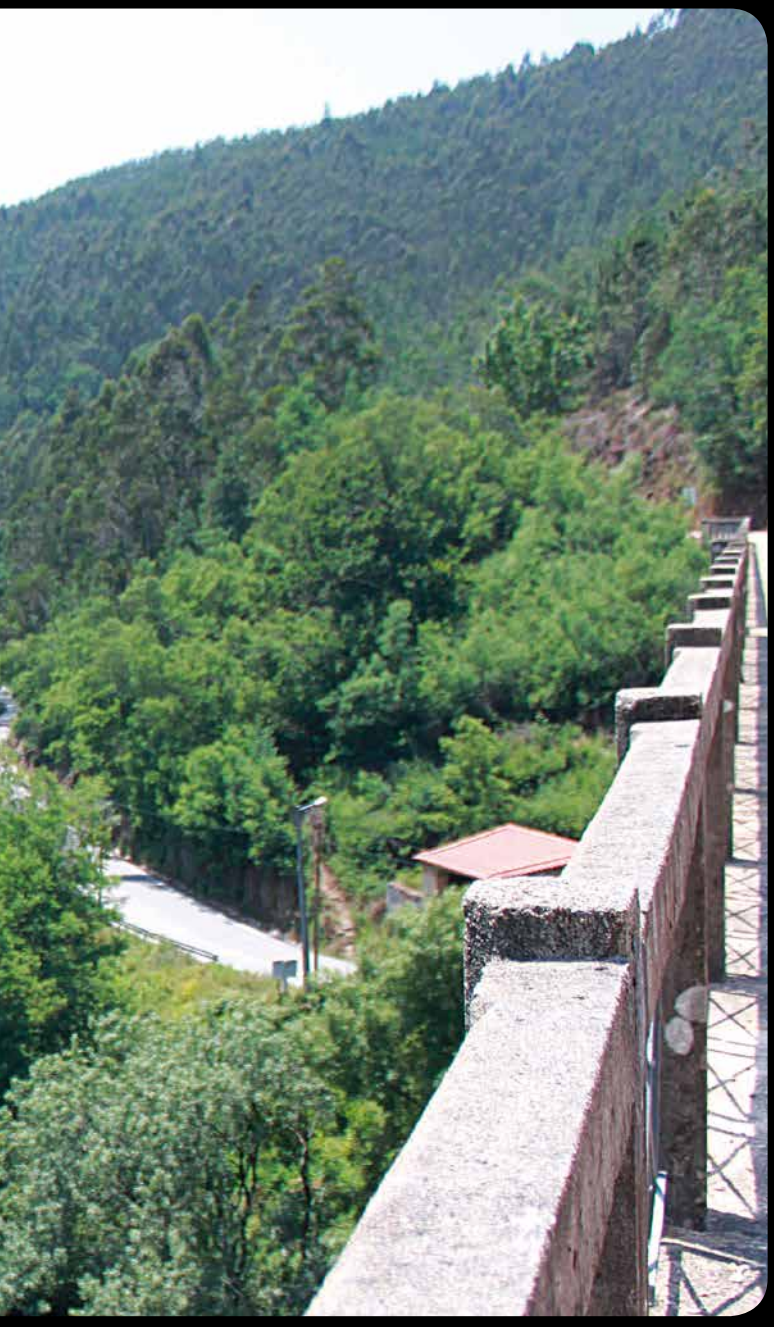
Rio Paiva, Folgosa, Castro Daire

Rio Vouga

Energia, Património e Descoberta!

Destaque

Texto: Carminda Gonçalves
Fotos: Bruno Costa e Arquivo da Adrimag



É na serra da Lapa, a cerca de 930m de altitude, que o rio Vouga tem a sua origem.

Qual criança que se aventura a dar os primeiros passos, o Vouga percorre tímido e algo inseguro, a primeira etapa do seu curso, ao longo de extenso planalto, até atingir o município de S. Pedro do Sul. É aqui, onde recebe as águas do rio Sul e se encontra com o território das "Montanhas Mágicas" que adquire a vitalidade de um "jovem" rio, tornando-se portentoso, enérgico e … imparável!

Ao deixar o município de Sever do Vouga, e à medida que se aproxima das terras planas do litoral, o Vouga entra na sua fase "madura", forte mas simultaneamente prudente e tranquilo, deixando-se levar pela serenidade da planície até entrar, reconfortado e já acolhido pela Ria de Aveiro, nas correntes agitadas do Oceano Atlântico.

«Pequeno ainda, cabendo na palma da mão, brincava com as areias, rebolava-se nos seixos brancos, aos pés da montanha sua mãe, triste e isolada, roendo mágoas que a ninguém dizia... Nada maior que uma seitoira, o Vouga ao nascer.

... Vem o dia e as cabras pisam-no, sujam-no com as patas. Amuado foge a esconder-se nas lapas. Depois distrai, e criança inquieta, pincha, resvala, perde-se no giro em que anda, sem saber onde.

... Ribeirinho Vouga encostou-se às pedras e com os olhos vivos espreitava a face morena da terra.

... Galgou precipícios, escorregou sobre rochas a suar espuma. Nenhum obstáculo tolhia o seu passo... Não o cansava a pressa da abalada. Maior distância percorria e mais vigor cobrava. Dilatando o peito, endurecia os pulsos, e a voz engrossava, reproduzia-se longe em ecos. O que trouxe pelas encostas ranchos de pinheiros a espreitar. Cautelosos, os primeiros chegados gesticulavam em conselho de prudência aos vizinhos, para se afastarem do latagão, que ninguém travaria na marcha.

... ...

O rio, na sua aflição de gigante torturado, explodiu em furores. Rachou serras ao meio, descarnou penedos... Quando a paixão o acometia, passava noite e dia a beber regatos, caudais, ribeiros bravos, interminavelmente, alucinado, no impulso de afogar a imagem que a distância engrandecia.

Assustados os montes, evitavam-no como a doido furioso.

Foi então que na dianteira lhe surgiu a planície imensa, carnuda, sensualmente deitada...

O Vouga... rasgou-lhe as entranhas, escalavrou, dissecou, abrindo as carnes macias.

A Planície... bebia-o, sugava-lhe o sangue, enfraquecia-o.

O Vouga mirrava, decrescia, vergando o corpo sonolento, braços inertes, passos sem vigor, a pupila embaciada.

Cansara-o a planície, vencera-o e assim desdenhava:

- Campeão das serras, que é da tua força?

Cobriu-se de choupos e salgueiros tenros e calmando-lhe a febre, acalentou-o a recomendar-lhe sono tranquilo.

Mas o Vouga distinguiu perto a voz do Mar a chamá-lo.

... Vagaroso, num passo de velho, se chegou ao Grande Senhor mar que o recebeu afável e depois de saber as mágoas que sofrera lhe prometeu levá-lo a novas terras, a outros continentes, percorrer as montanhas, dominar os píncaros, liberto do peso do corpo, transfigurado, mais lindo do que nunca fora. Andaria pelo céu em coches de ouro forrados de púrpura, tão alto como as águias»

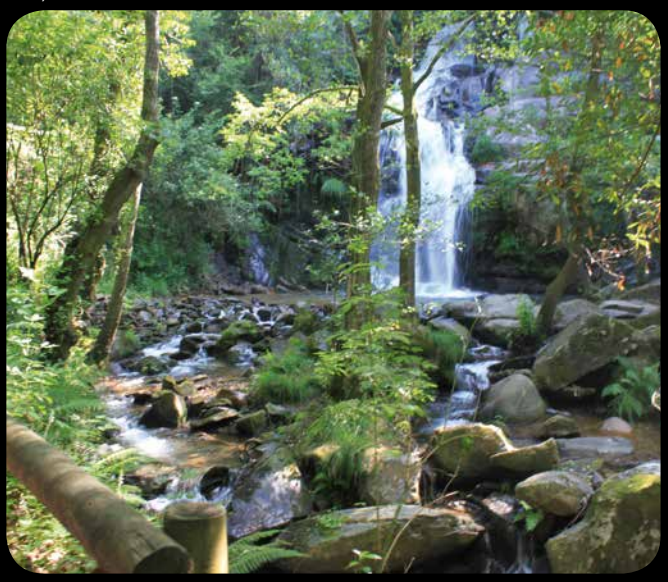
(SAMUEL MATA, Rio Vouga, in - Língua de Prata).

Designado por muitos como "o Nilo português", o rio Vouga desenvolve-se em três secções distintas. Até S. Pedro do Sul é um rio de planalto, depois, correndo por vales profundos e encaixados, entre os maciços da Gralheira, do Caramulo e da serra das Talhadas, recebe as águas de vários afluentes e torna-se um vigoroso rio de montanha. Por fim, já próximo do mar, o Vouga muda de aspeto tornando-se um vagaroso e pachorrento rio de planície, correndo entre margens baixas e largas, depositando os sedimentos que arrancou das montanhas até se envolver na imensidão do Oceano Atlântico.

Da nascente até à foz, o rio Vouga percorre cerca de 148km. A sua bacia hidrográfica tem cerca de 3.636km2, localizando-se entre o rio Douro e o rio Mondego. Os seus principais afluentes, de montante para jusante, são o Mel, o Sul, o Varoso, o Teixeira e o rio Mau.

Presença ancestral e constante no dia a dia das povoações que ao seu lado se fixaram, o Vouga deu nome a localidades como Rocas do Vouga, Pessegueiro do Vouga, Paradela do Vouga, Sever do Vouga.

a)



b)

Fotos. a) b) c) d) Rio Mau (afluente do rio Vouga). Parque de Lazer da Cabreia, Sever do Vouga

Rio multifacetado, sem dúvida, é gratificante conhecê-lo melhor, ir ao encontro das suas riquezas naturais, do seu legado patrimonial, das atividades económicas que potencia e dos percursos que nos permitem observá-lo e interpretá-lo de perto.

Neste artigo, e porque é nosso objetivo promover o território das Montanhas Mágicas e os seus recursos, vamos focar a nossa atenção no curso médio do Vouga e dos seus afluentes, que atravessam os municípios de S. Pedro do Sul, Sever do Vouga e Vale de Cambra.

c)

d)

SIC (Sítio de Interesse Comunitário) Rede Natura 2000

O Rio Vouga está classificado como Sítio de Interesse Comunitário (SIC) no âmbito da Rede Natura 2000 (PTCON0026), ao abrigo da Decisão da Comissão 2008/335/CE/28/03/2008. O curso do rio classificado ao abrigo deste Diploma abrange apenas os municípios de Sever do Vouga (706ha), Águeda (1821ha) e Albergaria-a--Velha (242ha). No que diz respeito a Sever do Vouga, os 706ha de área classificada correspondem a 5% da área total do município, e a 25% da área total do Sítio. A parte inicial do troço classificado insere-se num vale encaixado com uma galeria ripícola, na sua generalidade, bem conservada, onde predominam matos e manchas exóticas. A jusante, na planície aluvial, o grau de conservação da vegetação marginal é menor, sobretudo devido à pressão exercida nos campos agrícolas adjacentes.

A bacia do médio Vouga conta com mais de 50 espécies prioritárias para a conservação integradas nos anexos II, IV e V da Rede Natura 2000. A existência destas espécies está muito ameaçada e mesmo em perigo de extinção na Europa.

Património cultural e edificado

Da relação de proximidade e dependência que o Homem estabeleceu com o rio Vouga e os seus afluentes, surgiram, ao longo dos tempos, inúmeros testemunhos físicos que merecem o nosso olhar atento e cuidado. Moinhos, levadas, pisões, pontes ferroviárias e rodoviárias, pontões, poldras, muros, açudes e pequenas embarcações (bateiras) revelam a arte, o engenho e a força de muitas gerações na sua relação com o rio.

Os **moinhos, as levadas e os açudes** que aproveitavam e conduziam as águas do Vouga e dos seus afluentes proporcionavam às populações locais o seu sustento.

A construção de **pontes, pontões e poldras** é ancestral, e a sua complexidade foi evoluindo ao sabor dos tempos, permitindo a transposição do Vouga, bem como dos rios e ribeiros que o alimentam. As poldras são lajes cuidadosamente talhadas e encravadas nas rochas do leito do rio, alinhadas e separadas entre si a curta distância, de modo a permitir a transposição do rio sem molhar os pés. As embarcações, designadas em Sever do Vouga por "bateiras", apoiavam na pesca e na travessia de pessoas e bens. Em tempos idos, o rio Vouga era a principal via de comunicação entre Pessegueiro do Vouga e Aveiro. De Pessegueiro eram transportados, nos barcos designados de mercantéis, a laranja, a carqueja, a lenha para alimentar os formos das fábricas de tijolo em Aveiro e a madeira que, lançada ao rio, seguia o curso do mesmo, sob a orientação dos homens que se deslocavam nos mercantéis. No regresso traziam rio-acima a telha, o tijolo, o sal e outras mercadorias da região aveirense.

A linha ferroviária do Vouga e o "Vouguinha"

O testemunho físico mais emblemático deste rio é, talvez, a ex-linha ferroviária do Vouga, considerada a mais bela de Portugal.

Percorrendo 140km entre Espinho e Viseu, a linha foi inaugurada em 1914, e 58 anos depois, a 25 de Setembro de 1972, foi aí realizada a última viagem em comboio a vapor. Reabriu em 1974, mas as locomotivas a vapor foram substituídas por automotoras. Em 1989, o troço entre Sernada do Vouga e Paradela do Vouga encerrou definitivamente.

Ao longo de muitos anos, as povoações do Vale do Vouga conviveram com a presença do "Vouguinha", o comboio a vapor que carinhosamente assim apelidaram, e o cenário pitoresco que proporcionava a sua passagem, no meio da luxuriante vegetação do vale, ainda permanece nas suas memórias.

De entre o valioso património que nos foi legado por esta linha ferroviária contam-se mais de 20 túneis e 17 pontes. Uma das mais simbólicas é a Ponte do Poço de Santiago em Sever do Vouga, localizada no troço da atual ecopista. Trata-se de uma admirável obra de engenharia, atribuída ao Engº Sejourné, com 28,5m de altura, 55m de vão, 11 arcos e 165m de comprimento.

Paisagens

Muito do que nos oferecem as maravilhosas paisagens do Vale do Vouga resulta da "interação entre os xistos e os granitos, enrugados pelo tempo" e da "flora e fauna que lentamente evoluíram e se adaptaram a este clima ameno e pluvioso" (in Rios – Ecoguia para a descoberta do Vouga" de Paulo Miguel Pereira). Os rios e ribeiras imprimiram nas serras por onde passam os traços mais fortes das paisagens do vale do Vouga. Paisagens belas, sem dúvida, ainda que na última centena de anos tenham sofrido mudanças profundas em consequência do abandono agrícola.

A par da Natureza, o Homem teve um papel preponderante na definição destas paisagens, tendo moldado os vales e as montanhas à medida das suas necessidades. Socalcos, muros de suporte de terras, açudes e levadas são alguns dos elementos da paisagem humanizada mais comuns no Vale do Vouga.

Atividades económicas no Rio Vouga

O potencial económico do rio Vouga é uma realidade incontestável, no entanto esse potencial parece ter sido melhor explorado no passado do que na atualidade. Ao passo que em tempos tudo parecia girar em torno do rio, nomeadamente a atividade agrícola, o transporte de mercadorias, a colheita de peixe e, mais tarde, o aproveitamento energético das suas águas, na atualidade o potencial económico do médio Vouga recai essencialmente sobre a produção de energia e sobre a realização de atividades

turísticas e de lazer. Contudo, ainda que o seu aproveitamento se limite, atualmente, a estas duas áreas, a rentabilidade económica que dele se pode retirar pode ser elevada. Para tal, é necessário que os agentes económicos e as entidades públicas consigam valorizá-lo e tirar o melhor partido das suas potencialidades. Alguns esforços nesse sentido já têm vindo a ser realizados mas, não sendo concertados entre os diferentes interessados, a otimização dos resultados torna-se mais difícil.

Enquanto não se atinge essa fase, há quem vá tirando partido das riquezas do Vouga.

Atividades turísticas e de lazer Desportos náuticos e de aventura

O Vouga tem sido eleito, de forma crescente, pelas empresas de animação turística do território e de fora dele, para a realização de desportos náuticos e de aventura. A canoagem é, muito provavelmente, o desporto que mais adeptos reúne no Vouga, mas há muitos outros que podem ser praticados no rio e seus afluentes, e na sua exuberante envolvente natural: rafting, paintball, rappel, canyoning, BTT, etc.

A **descida noturna do rio Vouga** é um evento desportivo que se realiza anualmente e que compreende, além da descida noturna, entre Pessegueiro do Vouga e a Foz do rio Mau, um conjunto de atividades desportivas e de lazer associadas ao convívio entre centenas de participantes. Em 2012, esta atividade foi pioneira ao alargar a participação a uma dezena de pessoas com mobilidade reduzida. O evento é organizado pelo Viking Kayak Club com a direção técnica da Turnauga – Turismo e Lazer, Unipessoal, Lda, e conta com o apoio institucional de entidades como o Município de Sever do Vouga, a Região de Aveiro e o Turismo do Centro.

Praias fluviais e áreas de lazer

Ao longo do curso do Vouga que atravessa os municípios de S. Pedro do Sul e Sever do Vouga, existem alguns espaços balneares e parques de lazer que proporcionam aos turistas e visitantes,

agradáveis momentos de descanso, convívio e lazer.

Em **S. Pedro do Sul** é possível usufruir das águas do Vouga, na praia fluvial de Pouves, e nos espelhos de água de Drizes e das Termas.

O Lenteiro do Rio é uma zona de lazer, com jardim, que se situa na confluência do rio Sul com o rio Vouga, à cota mais baixa da cidade de S. Pedro do Sul. Trata-se de uma extensa área de passeio, descanso e recreio com parque infantil, onde, com alguma frequência se realizam eventos e atividades organizadas.

Em **Sever do Vouga**, merece destaque a praia fluvial da Quin-

ta do Barco. Localizada na freguesia de Paradela do Vouga, esta praia é a única com bandeira azul em todo o território das montanhas mágicas sendo acessível a pessoas com mobilidade reduzida. Possui um bom areal, vigilância e infraestruturas de apoio tais como bar, balneários, parque de merendas e piscina flutuante durante o período balnear.

Estância termal de S. Pedro do Sul

É nas margens do rio Vouga, em S. Pedro do Sul, que se localiza o maior destino de turismo de saúde e bem-estar em Portugal – as Termas de S. Pedro do Sul (http://www.termas-spsul.com). As origens desta importante estância termal remontam à pré-história, mas os vestígios mais visíveis da utilização das suas águas, com fins curativos, datam da época romana. Até aos nossos dias chegaram algumas componentes em pedra do que foi o Balneum Romano, construído nos primeiros anos do séc.I da Era Cristã. Alguns dos nosso maiores reis como D. Afonso Henriques e D. Manuel I receberam aqui tratamentos.

As Termas de S. Pedro do Sul possuem, assim, uma vocação milenar para o termalismo de saúde que lhes advém da riqueza única das suas águas profundas. Emergindo à superfície a uma temperatura de 68º C, as propriedades das suas águas tornam-nas especialmente indicadas no tratamento de doenças reumatológicas, respiratórias, físicas e de reabilitação. Nesse sentido e com o propósito de elevar a qualidade dos tratamentos ministrados nestas áreas médicas, o Balneário D. Afonso Henriques foi recentemente renovado, ampliado e modernizado.

Além dos tratamentos de saúde, as Termas de S. Pedro do Sul disponibilizam um vasto leque de programas de beleza e bem-estar especialmente indicados para quem quer relaxar e cuidar da sua condição física e mental: Massagem de Relaxamento, Massagem de Bambú, Massagem Pré-natal, Ayurveda, Aquasul, Aromaterapia, Tratamentos de Rosto e Corpo, Estética, Aconselhamento e Nutrição, Tratamentos com Água Termal, entre outros. Estes programas são disponibilizados, quer no clássico, requintado e sedutor Balneário Rainha D. Amélia quer no modernizado Balneário D. Afonso Henriques.

Percursos pedestres

S. Pedro do Sul

PR4 – Rota do Castro do Banho (16km) – Com início nas Termas de S. Pedro do Sul, junto ao Inatel Palace, todo o percurso é sobranceiro ao rio Vouga, permitindo a observação de belas paisagens rurais e de numerosas espécies da fauna e flora. O património histórico-cultural de maior relevância neste percurso é o Balneum Romano presente nas Termas.

PR7 – Rota de S. João de Jerusalém (12,7km)– Este percurso leva-o a conhecer alguns belos exemplares do património arquitetónico e arqueológico do município de S. Pedro do Sul, com destaque para o património associado à linha ferroviária do Vale do Vouga, bem como pontes seculares, quintas e fontes, de elevado interesse arquitetónico.

Sever do Vouga

PR2 – Cabreia e Minas do Braçal – (PR2.3 – 10,5km) O PR2 tem o seu início junto à Cascata da Cabreia, em Silva Escura, e apresenta três alternativas com diferentes extensões (PR2.1; PR2.2; e PR2.3), destacando-se a que passa pelo centro do Complexo Mineiro da Malhada e Braçal. O PR2.3 é o maior de todos e é também aquele que acompanha grande parte do vale do rio Bom, que a dada altura passa a chamar-se rio Mau, importante afluente do rio Vouga. Ao longo deste percurso é possível observar bosques luxuriantes, cenários exóticos e minas abandonadas.

PR3 – Rota das Laranjeiras (9,5km) – Este percurso abrange as freguesias de Pessegueiro do Vouga e Paradela do Vouga, localizadas junto ao rio Vouga. Grande parte do percurso é feito ao longo da antiga linha férrea do Vouga, acompanhando o rio e atravessando-o duas vezes, uma na ponte ferroviária do Poço de Santiago e outra na ponte do Abade de Santiago. Além dos magníficos laranjais, o percurso permite a observação de belas panorâmicas sobre o Vouga e suas povoações, a travessia de alguns ribeiros, a passagem pela praia fluvial da Quinta do Barco e o contacto permanente com a natureza e a cultura locais.

Plataformas de observação e pesca

Na zona das Termas de S. Pedro do Sul vão ser colocadas (março 2013) plataformas de observação da flora e fauna, complementadas com painéis explicativos deste património natural.

A Ecopista de Sever do Vouga

A ecopista do Vouga, em Sever do Vouga, é um fascinante espaço de descoberta, ao longo do qual é possível percorrer, a pé ou de bicicleta, mais de 6km da antiga linha ferroviária do Vouga, bem como contemplar as fantásticas paisagens proporcionadas pelo rio e pela sua inebriante envolvente natural. Pode, ainda, descobrir-se o que resta do património edificado da antiga linha ferroviária do Vouga, nomeadamente antigas estações ferroviárias, pontes de elevado valor estético e arquitetónico e um número considerável de túneis que sempre embelezam a paisagem e a tornam mais pitoresca.

A atual ecopista de 6,179 km, com início próximo da foz do Rio Mau e fim na antiga Estação de Paradela, será acrescida de mais um troço de 4,205m, até Cedrim, totalizando, quando concluída, e juntamente com a primeira, 10,384 km de pista ciclável. O Município de Sever do Vouga tem ainda em vista o aproveitamento da antiga "Linha de Vagonetes das Minas do Braçal" para a execução de uma 3ª ecopista que ligará o ex-complexo das Minas do Braçal, ao rio Vouga, na foz do Rio Mau. Este troço tem 9,348 km de comprimento e acompanha todo o curso do rio Mau.

A Ecopista do Vouga é um projeto que envolve, além dos municípios de Sever do Vouga e S. Pedro do Sul, os municípios de Viseu, Vouzela, Albergaria-a-Velha, Águeda e Oliveira de Frades, bem como a Comunidade Intermunicipal dos Municípios da Região Dão-Lafões (CIMRL), e a Rede Ferroviária Nacional (REFER). Atualmente, apenas o Município de Sever do Vouga tem um troço da ecopista já finalizado e em funcionamento.

Aproveitamento hidroelétrico do Rio Vouga As barragens de Ribeiradio e Ermida

Os rios são recursos naturais de valor inestimável, tanto que desde tempos remotos o Homem tem vindo a servir-se deles, das mais variadas formas: ora retirando daí o seu alimento, ora utilizando as suas águas para a agricultura, ou aproveitando a energia das correntes e transformando-a em força motriz capaz de mover as mós dos moinhos, garantindo assim a sua sobrevivência.

Nos nossos dias, a água dos rios é aproveitada, essencialmente, para a realização de atividades náuticas e para a produção de

energia hidroelétrica através da construção de mini-hídricas e barragens. Esta última prática, indispensável à sobrevivência, bem-estar e comodidade da população, cria, não raras vezes, conflitos de interesses entre os promotores dos projetos, organizações ambientalistas, agentes económicos, proprietários de terrenos, habitantes locais, entre outros.

Defendendo cada um destes atores, locais, regionais ou nacionais, os motivos pelos quais se debatem a favor ou contra a construção destas infraestruturas, a verdade é que, na grande maioria dos casos, as obras avançam porque a energia é um bem essencial ao Homem.

As questões mais problemáticas e que, em geral, merecem maior atenção são aquelas que dizem respeito aos impactos ambientais, geralmente negativos, relacionados com a construção destas infraestruturas. Ainda que a energia seja um bem indispensável, a água é um bem insubstituível e dela depende, diretamente, a sobrevivência do Homem e de (praticamente) todos os seres vivos que habitam o planeta. Daí a necessidade de ser profundamente analisada e ponderada a relação custo(ambiental) / benefício (energético) destes projetos, de forma a não comprometer a sobrevivência e qualidade de vida do homem, e de inúmeros ecossistemas.

O rio Vouga foi identificado como oferecendo grande potencial para o aproveitamento hidroelétrico. Neste sentido a GREENVOUGA - empresa detida pela EDP (55%) e pela MARTIFER Renewables (45%) – decidiu avançar com o aproveitamento hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida. Tendo como projetista e gestor de projeto a COBA/EDP Produção, *o aproveitamento hidroelétrico de Ribeiradio – Ermida terá como finalidade principal a produção de energia hidroelétrica, com uma potência total instalada de 82MW. Garantirá ainda os volumes necessários para o abastecimento público, industrial e rega, tanto a jusante do aproveitamento como a partir das albufeiras que serão criadas - Ribeiradio e Ermida (http://www.a-nossa-energia.edp.pt)*. O projeto iniciado em finais de 2009 tem um custo estimado de 180 milhões de euros (preços constantes de 2011) envolvendo a criação de 550 postos de trabalho diretos ao longo de aproximadamente 45 meses.

O aproveitamento de Ribeiradio-Ermida distribui-se por dois escalões, o de Ribeiradio, a montante e o de Ermida a jusante. O primeiro situa-se na zona intermédia da bacia do Vouga, e envolve a construção de uma barragem de betão com a altura máxima de 74 m. O segundo situa-se cerca de 4 km a jusante de Ribeiradio, e a barragem de betão tem uma altura máxima de 35 m. As respetivas albufeiras estendem-se desde os concelhos de Oliveira de Frades e Sever do Vouga até aos de Vale de Cambra e São Pedro do Sul.

Trata-se do primeiro grande aproveitamento hidroelétrico do rio Vouga, que permitirá a produção de energia elétrica a partir de fontes renováveis, contribuindo assim para a redução das emissões de CO_2, e para a criação de uma grande albufeira, que constituirá uma reserva estratégica de água, capaz de garantir caudais ecológicos e de servir no combate a incêndios.

Pormenor da ponte do Poço de Santiago, Sever do Vouga

A propósito da construção das barragens de Ribeiradio e Ermida, a redação do magazine "Montanhas Mágicas" entrevistou o responsável da COBA/EDP, Engº José Martins das Neves, com o intuito de conhecer melhor este projeto, nomeadamente no que se refere aos impactos ambientais e turísticos do mesmo, nos municípios abrangidos.

MAG: Os municípios de Sever do Vouga, S. Pedro do Sul e Vale de Cambra têm vindo a desenvolver, juntamente com outros quatro municípios (Arouca, Castelo de Paiva, Cinfães e Castro Daire), uma estratégia de desenvolvimento turístico sustentável, assente na qualidade dos recursos naturais, endógenos, sobretudo daqueles que estão classificados no âmbito da Rede Natura 2000 – serras da Freita e Arada, serra de Montemuro, rio Paiva e rio Vouga. A referida estratégia passa pela dinamização de atividades de turismo de natureza ligadas aos espaços naturais em questão.

Neste contexto, considera que o aproveitamento hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida no rio Vouga poderá beneficiar/potenciar o desenvolvimento desta estratégia turística? Em que medida?

Engº JMN: O aproveitamento hidroelétrico vai criar um espelho de água doce muito importante para o desenvolvimento de novos empreendimentos turísticos e para o mercado da segunda habitação, dada a proximidade dos centros urbanos do Porto, Aveiro e Coimbra. Por essa razão e pelas importantes valias de regularização hidrológica para jusante, ao longo do trecho inferior do rio Vouga, por exemplo, para o sistema de abastecimento às populações e de prevenção da penetração da cunha salina durante a praia-mar no Baixo Vouga, o projeto, refletindo esta importância, foi classificado como projeto de interesse nacional em fevereiro de 2008.

MAG: No seguimento da questão colocada anteriormente, considera que as albufeiras a criar pelas barragens de Ribeiradio e Ermida poderão ser aproveitadas do ponto de vista turístico? Já foram ou poderão ainda vir a ser desenvolvidas algumas ações no sentido de avaliar essa possibilidade?

Engº JMN: Neste momento estamos a desenvolver todos os esforços para que se inicie a elaboração do Plano de Ordenamento da Albufeira. Trata-se de um instrumento fundamental para o ordenamento do território, na medida em que consagra as medidas adequadas à proteção e valorização dos recursos hídricos na área a que se aplica de modo a assegurar a sua utilização sustentável, vinculando a Administração Pública e os particulares. Naturalmente que todas as Câmaras envolvidas no projeto vão participar ativamente na sua elaboração e fazer com que este instrumento constitua, de facto, o motor de desenvolvimento turístico da região e que este desenvolvimento seja sustentável.

MAG: Existe um número considerável de empresas de animação turística, do território e de fora dele, para as quais o rio Vouga e os seus afluentes (rio Teixeira, rio Sul…) constituem um recurso natural extremamente importante, pois é aí que desenvolvem grande parte das suas atividades. Em que medida estas empresas serão afetadas e/ou beneficiadas pela construção destas barragens? Estas empresas foram, alguma vez, contactadas pelo dono da obra ou pelo projetista / diretor da obra?

Engº JMN: O projeto tem vindo a ser divulgado nos meios de comunicação não só a nível regional, mas também a nível nacional. Em 2009, inserido num conjunto de iniciativas de apoio ao desenvolvimento regional, a EDP lançou um programa de apoio a instituições de solidariedade social das regiões abrangidas pelos novos investimentos hídricos, designado por EDP Solidária Barragens. Na edição de 2012, um dos projetos vencedores foi «Um rio para todos», desenvolvido pela empresa Viking Kayak, em que as pessoas com deficiência são a "população alvo" do projeto. Assim, a iniciativa privada com a ajuda da EDP tornaram possível, em Sever do Vouga, o nascimento uma escola de canoagem adaptada para pessoas com mobilidade reduzida.

MAG: Além do aproveitamento hidroelétrico, que outros benefícios trará, para a população ou para os agentes económicos do território, a construção das barragens de Ribeiradio-Ermida?

Engº JMN: As notícias dos jornais da região revelam o impacto que a obra está a ter na região ao nível da restauração, do comércio e do imobiliário, particularmente no que se refere ao arrendamento de habitação, numa altura em que a economia está a atravessar um momento difícil. Vale a pena voltar a referir que, durante o passado mês de janeiro, a Obra tinha 551 trabalhadores, dos quais 118 residem na região. Por outro lado, as obras da barragem de Ribeiradio tem sido um campo de difusão de conhecimento para jovens estagiários. No arranque do presente ano letivo, a EDP renovou a parceria com o Agrupamento de Escolas de Sever do Vouga para acolher alunos em estágio. No ano letivo de 2011/12, estagiaram quatro alunos do Curso Profissional de Higiene e Segurança no Trabalho e Ambiente. O estágio, em contexto de trabalho, teve uma duração total de 420 horas, distribuídas por 2 anos. No último verão, tal como no anterior, esteve em obra um estudante de engenharia civil a fazer o seu estágio.

MAG: Esta obra terá impactos ambientais negativos na área do rio Vouga classificada como SIC Rede Natura 2000? Se sim, quais e o que foi feito para os minimizar?

Engº JMN: O projeto foi sujeito a uma Avaliação de Impacte Ambiental (AIA), que teve por base a realização de estudos ambientais pluridisciplinares e abrangentes, incluindo os elementos naturais, sociais e de património cultural e construído, e consultas, com efetiva participação pública, para recolha de informação, identificação e previsão dos efeitos ambientais, bem como a identificação e proposta de medidas que evitem, minimizem ou compensem esses efeitos.

A Declaração de Impacte Ambiental (DIA) emitida na sequência desta avaliação especifica as medidas de minimização dos impactos ambientais negativos, que a GREENVOUGA deve adotar na execução do projeto. Naturalmente que vamos executar todas elas.

MAG: E quanto ao restante troço do rio Vouga, que impactos ambientais e paisagísticos resultarão da construção destas barragens? Que medidas foram tomadas?

Engº JMN: Avaliação de Impacte Ambiental (AIA) tratou todo o território influenciado pelo projeto, não existindo impactos significativos, como se pode verificar através da leitura do documento que é público.

MAG: Uma vez concluídas as obras do aproveitamento hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida quanto tempo levará a água a atingir o seu nível máximo?

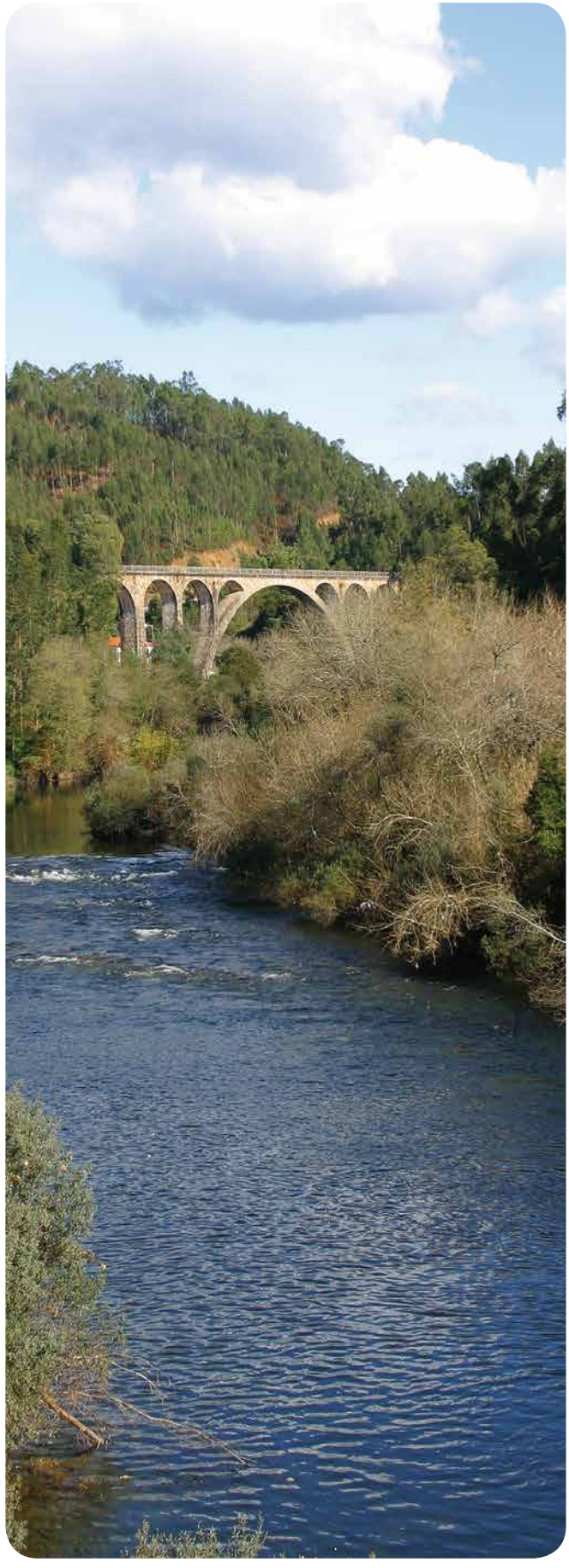
Engº JMN: A albufeira vai começar a encher no final do verão de 2014 e estamos convencidos de que vai ser necessário pouco tempo para atingir o nível máximo, dependendo naturalmente da pluviosidade que se fizer sentir nessa época do ano. Dado o pequeno volume da albufeira e as características do rio Vouga não vai ser necessário muito tempo.

MAG: Com a subida do nível das águas algumas aldeias, povoações ou lugares ficarão submersos? Em caso afirmativo como foi gerida esta situação com os locais?

Engº JMN: De facto algumas casas, muito poucas, vão ficar submersas, tendo-se dado prioridade à sua aquisição, com o objetivo de permitir que os seus proprietários tenham tempo para encontrar outras soluções. Este processo já se encontra fechado, estando a ser monitorizado, no sentido de verificar que tudo vai correr bem até ao enchimento da albufeira. Desde o início dos trabalhos que temos vindo a tratar todas as situações mais delicadas com o maior cuidado, envolvendo as Juntas de Freguesia e outras instituições locais, como é exemplo o tratamento de uma situação muito particular na Freguesia de Rocas, no Concelho de Sever do Vouga, onde tivemos o apoio da Fundação Bernardo Barbosa de Quadros.

MAG: Gostaria de acrescentar, no âmbito da temática desta entrevista, alguma informação que considere importante?

Engº JMN: Apenas queria pôr em evidência o interesse pelo projeto demonstrado por toda a população que tem visitado a obra, não só pelos que vivem nas redondezas, mas também por aqueles que, não sendo da região, têm uma oportunidade de acompanhar um empreendimento com esta dimensão e esta especificidade e, simultaneamente, de conhecer uma região com um grande potencial turístico, contribuindo assim para a sua divulgação. E, finalmente, não posso deixar de referir todas manifestações de apoio recebidas até hoje, particularmente das Câmaras e Juntas de Freguesia envolvidas no projeto.



Canoagem de águas bravas no Rio Vouga

Programas, Passeios e Aventuras

Texto e Fotos: Ricardo José Rocha da Silva Inverno
Clube de Canoagem e Águas Bravas de Portugal

Com a sua nascente na Serra da Lapa, o Vouga é, sem qualquer margem para dúvidas, um excelente rio para a prática de canoagem de águas bravas em Portugal. Ao longo dos seus 148 km podemos navegar por vários e distintos percursos, com graus de exigência técnica bastante dispares e com magníficas paisagens a acompanhar-nos, principalmente no distrito de Viseu.

O primeiro troço, designado por **Vouga 1**, leva-nos de Almargem até à Central Hidroeléctrica de Ribafeita, através de sucessivos rápidos, entre grandes blocos de granito, durante sensivelmente 12 km com uma pendente acumulada de180 metros. Trata-se de uma secção tecnicamente muito exigente, aumentado o seu nível de dificuldade de uma forma progressiva, na qual só canoístas com muita experiência se devem aventurar.

O **Vouga 2**, com entrada no final do percurso anterior, conduz-nos até São Pedro do Sul através de um vale encaixado no qual encontramos imensos rápidos exigentes mas muito divertidos para quem esteja habituado a estas lides. A dificuldade da navegação vai diminuindo à medida que vamos chegando ao seu término, porém a existência constante de pequenos saltos permite que o entretenimento seja uma realidade até à ponte da saída. Pelo meio há necessidade de contornar uma barragem pela margem direita, ato que na gíria canoísta se designa por "portear". A paisagem, à imagem do percurso anterior e do seguinte, é simplesmente fantástica sendo fortemente caracterizada pela constante existência de blocos de granito no leito do rio, por penedos imponentes nas zonas "engargantadas" e por árvores autóctones nas partes mais abertas do vale.

A terceira secção, o **Vouga 3**, começa suave, com algumas passagens de navegação fácil e sem perigo inerente, num cenário delicioso que nos surge logo após alguns metros abaixo da Ponte de Vouzela. Até cruzarmos uma ponte antiga de pedra, cuja estrada liga Oliveira de Frades ao Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, o rio oferece-nos uns rápidos simples com destaque para alguns açudes que deverão ser sempre inspecionados, caso se verifique um caudal forte. Dessa ponte até à Praia Fluvial de Sejães o Vouga volta a cerrar as suas margens numa pequena garganta e brinda-nos com dois rápidos fabulosos mas muito fortes e perigosos. Para os canoístas com pouca experiência aconselhamos a transposição destas linhas de água pela margem direita em ambos os casos.

Apesar do leito do rio acalmar muito a partir de Sejães, o trajeto que se segue é bastante divertido e permissível. Pode ser navegado com um caudal muito forte pois os obstáculos que existem até à foz do rio Teixeira, em Couto de Esteves, resumem-se a rolos e baterias de ondas sempre seguidos de zonas de água parada. O vale é praticamente sempre aberto e grande parte das suas margens cultivadas e/ou com habitações, ou seja o isolamento é quase inexistente durante todo o percurso. É excelente para os praticantes com pouca experiência poderem treinar e progredir a sua técnica de águas bravas.

Desde a praia onde o rio Teixeira desagua, até à ria de Aveiro a jusante, as margens do rio Vouga não oferecem mais nenhum local em que o vale estreite por intermédio de gargantas. O rio, devido à construção da nova barragem de Ribeiradio, só volta a ser navegável após a Central Hidroeléctrica de Pessegueiro do Vouga. Desta freguesia de Sever do Vouga até Sernada do Vouga é um ótimo percurso para quem se quer iniciar nestas aventuras. Sempre com atenção ao caudal do rio que obviamente não deverá estar em cotas de cheia. Trata-se de um trajeto bastante simples com uma paragem obrigatória causada pela existência de um açude no Carvoeiro.

De Sernada até à foz do Vouga aconselhamos todos os interessados a navegarem com kayaks de mar ou turismo já que as águas bravas dão lugar a extensos espelhos de água. A exigência técnica é quase nula mas o uso do colete flutuador e roupa adequada deverá ser sempre um requisito obrigatório.

No vale do Vouga podemos ainda navegar alguns dos seus afluentes, como é o caso do belíssimo rio Teixeira, dos extensos rios Caima e Águeda, do forte rio Varoso ou do sinuoso rio Arões (também designado por Lordelo). A descrição dos mesmos ficará para outras edições.

O Clube de Canoagem e Águas Bravas aproveita a oportunidade para aconselhar todos os interessados em praticar desportos fluviais, com destaque para a canoagem de águas bravas e canyoning, a contactarem clubes que se dediquem a estes desportos. Os rios não são letais, a falta de conhecimento de quem os usa para a prática de desportos náuticos é que aumenta enormemente a ocorrência de acidentes. Visite-nos e contacte-nos através do nosso site – *www.aguasbravas.net* – caso esteja interessado em esclarecer algumas dúvidas ou mesmo praticar estes desportos.

Desportos de Inverno nas Montanhas Mágicas

Programas, Passeios e Aventuras

Texto de Carminda Gonçalves
Fotos: arquivo da ADRIMAG e gentilmente cedidas

Rafting no rio Paiva

O inverno está aí, como sempre, a marcar a sua forte e irreverente presença: dias curtos e frios, noites longas e gélidas, chuva q.b. e "sol", nem sempre, a gosto. Convenhamos que esta não é a "receita" ideal para confecionar um bom programa de férias mas, se lhe juntarmos ingredientes como muito boa disposição, desporto, adrenalina, diversão, belas paisagens e uma pitada de "magia", tudo pode ser diferente.

As Montanhas Mágicas são um destino privilegiado no que toca à prática de desportos de ar livre, ótimos para "aquecer" os dias frios de inverno e para nos colocarmos em forma, em contacto com a natureza. Estes deportos têm a particularidade de se poderem realizar ao longo de todo o ano, mesmo nos meses frios de inverno. O rafting é, por excelência, um desporto de inverno, quando os rios são mais caudalosos. Quanto às restantes atividades, os dias solarengos de inverno são perfeitos para a sua prática. Contudo, mesmo quando o céu teima em ficar cinzento, há quem não resista a sair de casa e partir à aventura.

Algumas curiosidades sobre as atividades de ar livre nas Montanhas Mágicas:

1. O rio Paiva é considerado, pelos especialistas, o melhor do país para a prática de ***rafting***;

2. O território Montanhas Mágicas oferece alguns dos melhores rios e ribeiros do país e da Europa para a prática de ***canyoning***: rio de Frades, rio Teixeira, rio Bestança, ribeiro da Pena Amarela, ribeiro da Castanheira, ribeiro da Covela, ribeiro Pequeno, cascata da Frecha da Mizarela, rio Lordelo ou Arões, entre outros;

3. A ***canoagem***, indicada para águas mais calmas, é das atividades mais praticadas no rio Vouga, mas este rio também permite a realização de rafting nalguns troços;

4. As Montanhas Mágicas englobam, entre outras, as serras da Freita, Arada, Montemuro, Gralheira, S. Macário e Arestal, e diversos outros espaços de elevado valor natural, excelentes para a prática de modalidades como: ***escalada, arvorismo, rapel, slide, orientação, pedestrianismo, paintball, BTT, passeios de jipe***, e muito mais…

A nossa pergunta é: *Está à espera de quê?*

Deixamos aqui os contactos de algumas empresas que prestam serviços de animação turística no território das Montanhas Mágicas. **Consulte os seus websites e informe-se sobre as atividades que aqui realizam, respetivos preços e condições. Depois não hesite em contactá-las e fazer as suas reservas.**

Estas empresas dispõem de excelentes equipas de monitores, devidamente credenciados, que lhe prestarão todo o apoio nas atividades a realizar. Habitualmente disponibilizam todo o equipamento de segurança e conforto, necessários à realização das atividades. A maioria das empresas inclui nos seus pacotes um reforço energético e algumas fazem cobertura fotográfica que depois disponibilizam aos seus clientes.

Clube do Paiva
Alvarenga - Arouca
Rafael Soares e Tomané
Tel.: +351 964 018 656 | +351 965 424 146
E.mail: info@clubedopaiva.com
Website: www.clubedopaiva.com

Rafting no rio Paiva e Paivô;
Passeios de Jipe em Arouca, S. Pedro do Sul, Castro Daire;
Percursos Pedestres em Arouca, S. Pedro do Sul, Castro Daire, Vale de Cambra;
Canyoning no rio de Frades, Aguieiras, Mizarela, Castanheira, Pena Amarela, Vessadas e Pombeiro.

Vertente Norte,
Animação Turística, Lda
Burgo - Arouca
Jorge Santos e José Santos
Tel.: +351 966 263 067 | +351 966 570 168
E.mail: jorge.santos@vertentenorte.pt
Website: www.vertentenorte.pt

Rafting: rio Paiva – Arouca
Percurso 1: Vau Canelas – Espiunca; Percurso 2: Espiunca – Ponte da Bateira
Canoagem rio Paiva – Arouca
Percurso 1: Meitriz – Areinho; Percurso 2: Paradinha – Areinho; Percurso 3: Vau Canelas – Espiunca; Percurso 4: Espiunca – Ponte da Bateira
Pedestrianismo: PR 15; PR 6; PR 7; PR 8;
Orientação: Serra da Freita – Arouca
Arborismo/Rapel/Slide: Serra da Freita – Arouca
BTT: Serra da Freita – Arouca

Turnauga – Turismo e Lazer, Unipessoal, Lda
Pessegueiro do Vouga – Sever do Vouga
Luis Carneiro
Tel.: +351 967 092 027
E.mail: lc.natur@gmail.com
Website: www.turnauga.net

Rafting: rio Paiva nos percursos entre Espiunca / Travanca ou Vau / Espiunca;
Canoagem: rio Vouga no percurso Pessegueiro do Vouga / foz do rio Mau;
Passeios BTT: serra das Talhadas / Sever do Vouga ou Sever do Vouga / Couto de Esteves;
Passeio pedestres: (somente após 1 de abril) serra da Freita e serra Gralheira; pontualmente realização de marchas de longa duração (dois dias).
A Turnauga em parceira com o Viking Kayak Clube proporciona atividade para pessoas com mobilidade condicionada.

Desafios - Desporto & Aventura
Evasiontime - Soluções Empresariais e Desafios, Lda.
Silva Escura - Sever do Vouga
Bruno Costa
Tel.: +351 937 656 707 | +351 934 134 428
E.mail: info@desafios.pt
Website: www.desafios.pt

BTT: serra da Freita e ecopista do Vouga;
Canoagem: rio Vouga;
Canyoning e Cascading: ribeira de Vessadas (afluente do rio Teixeira), rio Lordelo ou Arões, rio Teixeira;
Caminhadas: serras da Freita, Arada, S. Macário e Montemuro e "Aldeias de Portugal";
Manobras com cordas (rappel): Sever do Vouga;
Passeios de BTT noturno: Sever do Vouga.

Campos de férias

Lusorafting
Canelas – Arouca
Octávio Canhão
Tel.: +351 966 450 628
E.mail: reservas@lusorafting.pt
Website: www.lusorafting.pt

GeoRafting Classe II (de uma classificação de 1 a 6 a nível mundial): rio Paiva, a montante da praia do Areinho em Arouca, setor de 2,5km. Interpretação dos geossítios nas margens do Paiva e breve explicação histórica do rio e do Rafting a nível Mundial.
Rafting Classe III: rio Paiva, take in praia de Espiunca em Arouca, setor de 12km
River Tubing Classe III: rio Paiva, a montante da praia de Espiunca em Arouca, setor de 2km

MTM Team – Eventos & Desporto Aventura
Vale de Matos - Castro Daire
Paulo Matos
Tel.: +351 936 933 111 | 232 315 050
E.mail: pmatos@mtm-team.com
Website: www.mtm-team.com

Canyoning: rio Teixeira, rio Pombeiro e rio de Frades:
Rafting em canoas raft: rio Paiva
1. Reriz / Ponte Cabaços (5Km) - para crianças com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos de idade, ou para grupos de escolas do ensino básico;
2. Ponte Cabaços / Nodar (12km) Classe II/III – jovens entre os 12 e os 17 anos de idade, ou grupos de escolas do ensino Secundário;
3. Ponte de Espiunca / Ponte da Bateira (18km) Clas III+;
4. Cemitério / Pte Espiunca (5Km) Class V;
5. Reriz / rio Douro
Rafting expedição: rio Paiva
Ponte de Cabaços - Castro Daire / Ponte de Espiunca – Arouca (2 dias)
Ponte de Cabaços – Castro Daire / Ponte da Bateira – Castelo de Paiva (3 dias)

Formação em Águas Bravas, Esquimotagem e Kayaksurf

O CCABP - Clube de Canoagem e Águas Bravas de Portugal proporciona formação em águas bravas, aos mais diversos níveis. Informe-se sobre as datas e condições em *www.aguasbravas.net/*

• **Iniciação:** formação para todos aqueles que se queiram iniciar, ou melhorar os seus conhecimentos básicos, no mundo das águas bravas. Por razões de segurança, é obrigatório que todos os participantes saibam nadar e se encontrem em boas condições físicas. O cumprimento destes dois itens é da responsabilidade de cada participante.

• **Intermédio:** a criação deste curso de formação intermédio, entre a iniciação e navegação avançada, visa proporcionar aos praticantes a possibilidade de consolidarem os seus conhecimentos, e de adquirirem novos, ao nível da navegação em classe III.

• **Avançado:** o intuito principal deste curso assenta na transmissão de conhecimentos, tanto teóricos como práticos, aos canoístas que já remem rios de classe IV de modo a evoluírem e a melhorarem a qualidade da sua navegação.

• **Segurança:** pretende-se preparar os canoístas para as descidas de rio na máxima segurança possível, utilizando os procedimentos e técnicas que serão ministradas neste curso. A ação destina-se a todos os canoístas de águas bravas, desde os menos experientes aos mais experientes, pois a segurança é fundamental em todas as etapas da sua evolução. É essencial que qualquer canoísta de águas bravas tenha conhecimentos nesta área de modo a prevenir acidentes durante as suas atividades desportivas em rios.

• **Esquimotagem:** sem dúvida que esta é a manobra de auto segurança mais famosa no mundo da canoagem de águas bravas. Fundamental para quem pratica águas bravas, e de extrema utilidade para todos os outros ramos da canoagem. Desde o kayak de mar, passando pelo kayak polo até ao kayak surf, é uma manobra que poupa a todos uma "carga de trabalhos".

• **Kayaksurf:** com esta formação pretende-se iniciar todo o tipo de pessoas na prática de kayaksurf e waveski de modo a contribuirmos tanto para a evolução dos interessados como da modalidade.

Carta Europeia de Turismo Sustentável das Montanhas Mágicas

Estratégia, Objetivos e Programa de Ação 2013-1017

Observatório de Turismo e Ambiente

In Dossier de Candidatura da Carta Europeia de Turismo Sustentável das Montanhas Mágicas - território do Arouca Geopark e rede de Sítios Natura 2000 Rio Vouga, Rio Paiva, Serras da Freita e Arada e Serra de Montemuro.(Adaptado).

Coordenação
ADRIMAG - Associação de Desenvolvimento Rural Integrado das Serras de Montemuro, Arada e Gralheira
Elaboração
Ponto Natura, ambiente e soluções, Unipessoal Lda.
Apoio e Supervisão Técnica
Equipa Técnica de Projeto CETS das Montanhas Mágicas
Acompanhamento
Comissão de Acompanhamento da CETS das Montanhas Mágicas
Financiamento
PROVERE - Programa de Valorização Económica de Recursos Endógenos
Programa Operacional Regional do Norte – ON.2 - O Novo Norte

EUROPARC FEDERATION
EUROPEAN CHARTER FOR SUSTAINABLE TOURISM IN PROTECTED AREAS

Estratégia

Ao longo dos anos e até há pouco tempo atrás, o Território CETS das Montanhas Mágicas representava apenas uma soma de sete municípios que o pouco que tinham em comum eram as suas gentes e cultura, o recurso água, a montanha, as suas caraterísticas geográficas, a raça arouquesa, a sua condição de periferia relativamente aos centros de decisão das unidades territoriais a que pertencem e a ADRIMAG. Do ponto de vista geográfico e da organização administrativa, os sete municípios que integram este território tiveram e continuarão a ter todos os motivos para trabalharem separadamente, pelo fato de serem uma zona de fronteira entre duas regiões naturais e administrativas. O nível de fragmentação que este território está sujeito no processo de decisão administrativa ficou bem patente na Caraterização e Diagnóstico.

No entanto a ADRIMAG, ao longo dos seus mais de 20 anos de atividade, tem vindo a promover a integração destes municípios e a ideia de que há um único território a que chamou *Montanhas Mágicas*, proporcionando a oportunidade de desenvolvimento

Serra da Freita, Arouca

de projetos conjuntos, promovendo relações de confiança entre os municípios, trabalhando com os agentes económicos locais e criando um sentimento de identidade territorial entre a população local.

Vinte anos é muito tempo, mas na construção de uma identidade territorial é muito pouco e muito já se fez nesse caminho. Não é, contudo, um tempo linear e, nos últimos anos, a satisfação das necessidades básicas da população e a indispensabilidade de agora se dar mais atenção à dimensão económica do território acelera a necessidade de consolidação de soluções que necessitam de escala. Cada vez mais fica claro para todos que a noção de escala é fundamental na busca de soluções. Por razões de prioridade de investimento mas, igualmente, por razões de visibilidade. Estamos a lidar com o setor do turismo em que a visibilidade nos mercados é fundamental e em que a oferta tem de ter uma dimensão mínima crítica sem a qual o sucesso depende de outras variáveis de muito mais difícil controlo.

Deste modo, a *Carta Europeia de Turismo Sustentáve*l surgiu como uma oportunidade para promover a consolidação do território Montanhas Mágicas enquanto unidade territorial e um destino turístico único.

Ao longo dos trabalhos de elaboração da CETS ficou cada vez mais claro para todas as partes envolvidas que é imprescindível que o Território das Montanhas Mágicas se consolide como um **destino de Turismo de Natureza de excelência, sempre aliado à componente cultural e gastronómica de grande qualidade que carateriza os sete municípios.**

No que diz respeito à dimensão Oferta Turística, o Território CETS das Montanhas Mágicas, composto por sete municípios, identificou sete produtos estratégicos para a sua organização e desenvolvimento como destino turístico, são estes:

Águas bravas

O Território CETS das Montanhas Mágicas é o principal destino português para a prática de rafting no rio Paiva e oferece ainda um conjunto variado de atividades desportivas relacionadas com a água no Paiva, no Vouga e noutros rios do território. Constitui desde já um destino consolidado a nível nacional para os amantes desta modalidade. A sua qualificação é urgente, mas o alargamento da sua oferta ao mercado internacional é importante na medida em que apresenta um calendário de disponibilidade para a prática de atividades mais alargado do que os outros destinos europeus, tendo ainda a vantagem de conciliar num mesmo espaço/rio diferentes níveis de dificuldade da modalidade e, como tal, passíveis de ser usufruído por uma gama mais diversificada de públicos.

Águas Termais

O Território CETS das Montanhas Mágicas é o principal destino para a prática de Termalismo em Portugal. Desde tempos remotos (Termas Romanas em São Pedro do Sul) a qualidade das suas

águas é reconhecida e os grandes investimentos na sua qualificação foram realizados, apresentando uma oferta de grande qualidade. Contudo, urge a sua internacionalização e a diversificação da oferta. A crise económica por um lado negativamente, mas a Diretiva Comunitária sobre os serviços de saúde transfronteiriços por outro lado positivamente, constituem uma necessidade/oportunidade deste território para uma oferta que já existe, apenas necessita adequar-se a novos mercados e novas ofertas;

Geologia

No Território CETS das Montanhas Mágicas insere-se um dos dois únicos Geoparques existentes em Portugal Continental, o **Geoparque Arouca**, com valores geológicos únicos a nível mundial designadamente as "pedras parideiras", sem esquecer a impor-

tância da zona ao nível dos depósitos de trilobites. Acresce ainda o fato de estar a ser desenvolvido um estudo sobre os valores geológicos do restante território CETS das Montanhas Mágicas com vista ao alargamento do Geoparque.

O Geoparque Arouca acumula já uma experiência muito positiva (apesar do seu pouco tempo de existência) com um impacto patente ao nível do número de visitantes e da economia local, constituindo um dos melhores argumentos na sua aposta, para além das vantagens que advêm de integrar uma Rede Europeia e Mundial de espaços com índices de procura turística crescentes;

Montanhas

As serras de Arada, Montemuro, Gralheira, Freita, São Macário e Arestal representam o maciço montanhoso que dá o nome ao território CETS e que representa, sem lugar para dúvidas, um dos principais atrativos turísticos deste território, pelas suas paisagens e atividades de ar livre possíveis num amplo período do ano. À beleza intrínseca destas serras alia-se a circunstância da sua proximidade à Área Metropolitana do Porto e à faixa Litoral Centro-Norte, constituindo assim um destino de montanha acessível a um volume importante de procura potencial. Existe já uma oferta sistematizada que porventura necessita sobretudo de organização, integração e promoção conjunta para um melhor desempenho empresarial;

Património e Cultura

Muito variada, com forte tradição no território, mas igualmente com manifestações modernas relevantes tanto ao nível material como imaterial. Entretanto, a criação de mais eventos, a reabilitação de património, a organização dos saberes, a maior mobilidade e capacidade económica apenas permitiram uma maior procura deste destino e desta oferta. As grandes questões que estão por resolver são a sua organização/promoção enquanto destino global e não atomizado e a sua calendarização, por forma a evitar as sobreposições e diminuir a sazonalidade promovendo o alargamento da oferta à época baixa. Ao património imaterial junta-se também a riqueza do património construído que se destaca pela diversidade de estilos/tipologias e pelo seu valor (em muitos casos reconhecido através da sua classificação como Monumentos

Nacionais ou Imóveis de Interesse Público), desde o património civil ao religioso, de que são melhor exemplo os dois Mosteiros Cistercienses. Neste âmbito, é imperativo à aplicação de medidas de preservação e salvaguarda, bem como a definição de uma estratégia de dinamização e promoção conjunta;

Gastronomia

Assente numa larga oferta de produtos locais, de reconhecida qualidade, constitui um dos principais cartazes do território. De fato, porventura este é o argumento historicamente mais importante para a visita ao território pois sempre constituiu um destino de "passeio" para o Litoral que encontrava aqui a oferta típica de "passeio e almoço de fim de semana". Apesar de já ter uma oferta de qualidade, a crise económica está a marcar profunda e negativamente o desempenho dos empresários da restauração e, por isso, as grandes questões que estão por resolver têm a ver com uma maior aposta na qualificação da oferta, integração com a cadeia local de fornecedores mas, igualmente, com a restante oferta turística, em particular com o alojamento. Igualmente há uma dimensão da gastronomia que não se esgota na restauração e que

passa por uma estratégia articulada de oferta dos produtos locais através de lojas, mercados locais e outras soluções que promovam e facilitem a oportunidade de compra aos visitantes;

Vinhos

Integrado na Região Demarcada dos Vinhos Verdes e da Indicação de Proveniência Regulamentada de Lafões, o Território CETS das Montanhas Mágicas possui uma tradição vinícola secular, com características particulares reconhecidas conferidas pelos aspetos geográficos, climáticos e humanos.

O Vinho, apesar de poder ser integrado na gastronomia, constitui-se per si um produto turístico, na medida em que este território tem tradição vitícola e tem produtores interessados em desenvolver e autonomizar esta oferta.

Os sete produtos acima identificados associados à oferta de serviços turísticos existentes representam a base do desenvolvimento turístico do Território CETS das Montanhas Mágicas.

Com efeito, o território já tem uma oferta de alojamento e de serviços de animação suficiente para que as questões não se ponham neste momento em termos de alargar a oferta turística de alojamento, mas antes de potenciar a capacidade já instalada, qualificando-a, integrando-a e organizando a promoção e venda.

No que diz respeito à dimensão Procura Turística, o Território CETS das Montanhas Mágicas tem um potencial que deve explorar:

- Uma proximidade, enquanto zona de montanha, a uma zona urbana densamente povoada constituída por toda a faixa Litoral Centro Norte com a Área Metropolitana do Porto até à Região da Galiza a Norte e as sedes de distrito de Coimbra, Viseu e Vila Real no interior, a menos de duas horas de distância, constituindo um mercado de proximidade de mais de 5 milhões de pessoas;
- Uma proximidade (uma hora) ao Aeroporto Internacional Francisco Sá Carneiro no Porto, com mais de 6 milhões de entradas por ano e que apresenta uma taxa crescente de turistas graças ao efeito das companhias low cost.

Temos assim uma oferta estruturada em sete produtos diferenciadores que poderão satisfazer uma procura real que é potencialmente muito maior, seja de proximidade ou internacional.

Tendo isto em consideração, a estratégia de desenvolvimento turístico do território CETS das Montanhas Mágicas para os próximos cinco anos foi estruturada em quatro pilares fundamentais que se entende poderem dar resposta, simultaneamente, aos maiores problemas sentidos pelo território e às expetativas de se satisfazer uma procura crescente. São estes:

Identidade Territorial

Este pilar pretende dar continuidade ao trabalho que tem vindo a ser desenvolvido no território no que respeita à criação/consolidação de um sentimento de identidade da população e dos empresários locais com o território das Montanhas Mágicas. Procurar-se-á promover esta identidade territorial através da valorização do seu contexto cultural, histórico, social, etc., e de um investimento na valorização de tudo aquilo que é próprio, tradicional e caraterístico deste território. **É fundamental que a po-**

pulação, os agentes económicos e institucionais tenham uma perceção de que aquilo que os une como um território único, é bem mais importante do que aquilo que os diferencia e que estas diferenças devem, por outro lado, começar a ser entendidas, muito mais, como uma complementaridade e diversidade do que como uma competição e risco. É um pilar fundamentalmente virado para o interior do próprio território e para os seus agentes.

Identidade Visual

Este pilar pretende criar, fortalecer e consolidar a marca Montanhas Mágicas, construindo uma identidade visual do território a partir da sua história, dos seus recursos naturais, dos seus principais atrativos, da sua cultura, etc. Procurar-se-á o reconhecimento nacional e internacional do território através da sua associação à marca Montanhas Mágicas, sendo promovido como um destino de excelência para um turismo de natureza e cujo desenvolvimento tem preocupações de sustentabilidade.

Mais uma vez o todo, Montanhas Mágicas, é maior que a soma das partes (os sete municípios) e por isso terá um impacto maior em qualquer estratégia promocional e uma maior visibilidade.

Se o primeiro pilar é uma tomada de consciência a médio, longo prazo, este pilar preocupa-se com a operacionalização da imagem, da forma como o território é percecionado e pretende criar esta imagem desde já, para igualmente poder ter um efeito imediato. É um pilar fundamentalmente virado para o exterior do território e para os seus visitantes.

Conhecimento

O conhecimento é uma componente essencial de qualquer processo de desenvolvimento. Conhecimento entendido como aprofundamento da informação sobre o território, que deve ser orientada para uma recolha seletiva, que valorize a componente do território como um todo, mais do que a individualidade de cada uma das suas parcelas. Falamos igualmente da organização do conhecimento no território em todas as componentes complementares à atividade turística, bem como as relativas à própria CETS e ao trabalho em Rede a todos os níveis, local, nacional, ibérico e europeu.

Conhecimento ainda entendido como formação dos agentes económicos essencial num processo de qualificação da oferta turística de um território, na medida em **que por maior que seja o potencial dos recursos turísticos do território, de pouco vale se não há uma qualificação dos serviços** que os proporcionam. É um pilar fundamentalmente virado para o interior do próprio território e para os seus agentes.

Organização

Finalmente a componente organizativa é fundamental em qualquer processo de desenvolvimento de um território. Falamos sobretudo da **organização ao longo de todo o ciclo de vida da oferta turística, da criação do produto, à sua venda. Porventura, este é o pilar mais difícil na medida em que presume da capacidade do território se organizar como um todo e ter a disciplina para constituir produtos turísticos e ter uma capacidade de venda desejavelmente controlada desde o seu interior.** Por outro lado, estamos a falar de produtos orientados para mercados distintos, de proximidade e internacional, que obrigam a uma maior flexibilidade e uma oferta múltipla para clientes cada vez mais autónomos nas suas escolhas e na organização da sua estadia. É um pilar fundamentalmente virado para o exterior do território e para os seus visitantes.

Sete produtos estratégicos e quatro pilares fundamentais foram a solução conceptual que o território CETS das Montanhas Mágicas encontrou para ir ao encontro de dois mercados potenciais, de proximidade e internacional.

Objetivos

Para responder à estratégia definida, importa agora identificar, para cada pilar, um objetivo geral e apenas um, na medida em que será no âmbito de cada ação que ficará mais patente a operacionalização destes quatro objetivos gerais.

Por outro lado, e na medida em que todo o raciocínio metodológico de análise foi estabelecido com base em sete parâmetros inspirados nos princípios da CETS, entende-se que os mesmos estão salvaguardados e são respeitados em todas as fases do processo de elaboração da estratégia.

Os princípios de sustentabilidade da CETS não são em si objetivos de uma estratégia de turismo sustentável, mas antes a "marca de água" com que os objetivos reais de desenvolvimento do turismo sustentável de um território devem ser pensados, assumidos e operacionalizados.

Assim, os objetivos gerais da estratégia de desenvolvimento de um turismo sustentável no território CETS das Montanhas Mágicas são:

Identidade Territorial

Consolidar a identidade territorial das Montanhas Mágicas;

Identidade Visual

Consolidar a imagem da marca "Montanhas Mágicas" e promover o território como um destino de Turismo Sustentável;

Conhecimento

Produzir e fornecer informação sobre e para o Território CETS das Montanhas Mágicas e formar os recursos humanos do setor do turismo;

Organização

Organizar e vender a oferta turística do território CETS das Montanhas Mágicas.

Plano de Ação

O Plano de Ação 2013-2017 da CETS das Montanhas Mágicas

é constituído por 57 Fichas de Ação organizadas de acordo com os quatro pilares estratégicos definidos na Estratégia e Objetivos, são estes:

I – Identidade Territorial, onde são enquadradas 7 ações
II – Identidade Visual, onde são enquadradas 11 ações
III – Conhecimento, onde são enquadradas 15 ações
IV - Organização, onde são enquadradas 24 ações

O Plano de Ação 2013-2017 da CETS das Montanhas Mágicas prevê um investimento estimado na ordem dos 21 milhões de euros distribuídos de uma forma mais ou menos equitativa pelos cinco anos de validade do PA, verificando-se uma previsão de maior investimento nos três primeiros anos.

Promotores	Investimento Total	%
Autarquias	16.510.718€	79%
ADRIMAG	2.341.203€	11%
Empresas privadas	1.032.500€	5%
Associações privadas	648.500€	3%
Empreses Municipais	392.500€	2%
TOTAL	20.925.421€	100%

No que respeita à distribuição do investimento pelos promotores, 90% do valor total vai ser investido pelos sete municípios (79%) e pela ADRIMAG (11%).

Assim, dos 20.925.421€ que as entidades públicas e privadas preveem investir nos próximos cinco anos no território CETS das Montanhas Mágicas, 81% representa investimento público e os restantes 19% investimento privado, com a ADRIMAG a encabeçar a lista dos promotores privados.

Para mais informações sobre a Candidatura à CETS das Montanhas Mágicas consultar:

http://cetsmontanhasmagicas.blogspot.pt/

Serra da Freita

A biodiversidade do vale do Vouga

Observatório de Turismo e Ambiente

Texto: Carminda Gonçalves e Paulo Miguel Pereira
Fonte: "Rios – Ecoguia para a descoberta do Vouga" de Paulo Miguel Pereira
Fotos: João Cosme *(exceto a foto Macromia splendens)*

Uma das maiores riquezas do vale do Vouga é a sua biodiversidade. Aqui podem ser observadas numerosas espécies endémicas ibéricas (que apenas existem na Península Ibérica), uma fauna peculiar e bem conservada e uma flora interessante com destaque para os bosques mistos de cerejeira-brava, castanheiro, medronheiro, avelaneira, loureiro, carvalho-alvarinho, e carvalho-negral, que garantem a sobrevivência de espécies faunísticas como a salamandra, o pica-pau e o esquilo.

As **espécies endémicas** mais notáveis são a toupeira d'água, o lagarto d'água, a boga, a salamandra-lusitânica e o Narcissus cyclamineus. No que toca a **espécies de distribuição europeia** destacam-se a lontra, o guarda-rios, a truta, a apatura-pequena, o esquilo e a cobra-lisa-europeia. A lista de espécies de conservação prioritária para a Europa e por isso presentes no Anexo II da Diretiva habitats é na bacia do Vouga extensa e diversa.

Espécies florísticas

Os bosques do Vale do Vouga

Os solos húmidos, característicos das margens do rio Vouga e seus afluentes, são especialmente favoráveis ao desenvolvimento de espécies como o amieiro, o freixo, o sanguinho, o sabugueiro, os salgueiros, o pilriteiro e o azevinho.

"O amieiro é a base estrutural dos bosques de ribeira, sustentando com as suas raízes as margens dos rios". Espécies como o freixo, o sabugueiro, o azevinho e alguns fetos necessitam de menos água, mas adaptam-se muito bem em solos húmidos e profundos. Os salgueiros arbustivos são das poucas espécies que conseguem viver no leito do rio uma vez que suportam bem o encharcamento das suas raízes. No Vouga desenvolve-se um bosque misto, com árvores caducifólias e perenifólias a contribuir de igual forma para fazer desta formação a mais biodiversa formação florestal Portuguesa (fig. 1)

Fig. 1 - O Bosque misto que se desenvolve nas margens do Vouga é uma formação florestal que chega a ter trinta espécies diferentes de árvores e arbustos

Plantas

Constituindo ecossistemas excecionais para as plantas, os rios albergam muitas espécies florísticas que raramente se encontram noutros locais: gencianas, narcisos, primaveras e medronheiros são algumas das mais comuns.

As margens do Vouga e dos seus afluentes albergam um número considerável de espécies florísticas endémicas ou raras. O feto-real, o feto-fêmea, o feto-macho, o feto-pente e o lírio-d'água são exemplos de espécies ribeirinhas, enquanto o selo-de-salomão, o heleboro (pouco frequente em Portugal) e as primaveras povoam os bosques e arrelvados ribeirinhos. O Narcissus cyclamineus, endémico do oeste da península Ibérica e presente no Anexo II da Diretiva habitats, tem na Bacia do Vouga 90% das populações presentes em Portugal.

Musgos, líquenes e cogumelos

Múltiplas espécies de musgos, líquenes e cogumelos têm o seu *habitat* preferencial nos rios e ribeiras. A reprodução dos musgos depende quase exclusivamente da abundância de água e de solos onde as plantas não se conseguem desenvolver. Os rios e ribeiras do vale do Vouga são especialmente favoráveis ao desenvolvimento de musgos, dada a elevada pluviosidade que aí se verifica (entre 1000 e 1800 mm). Estudos revelam a existência de mais de 300 espécies nesta região, das quais se destaca a *Marsupella profunda*, espécie da Diretiva Habitats (Anexo II).

Os **líquenes**, que resultam de uma interessante associação entre uma alga e um fungo, colonizam *habitats* pouco comuns: sobre a rocha nua, solo, ramos de árvores ou musgos. São muito sensíveis a pequenas alterações da qualidade do ar e por isso são bons indicadores da qualidade atmosférica. Junto ao Vouga são abundantes as espécies *Lobaria pulmonaria* e a *Usnea florida*, reveladores da reduzida intervenção do Homem nesses locais.

Os **cogumelos** são espécies muito curiosas pois aquilo que observamos é apenas uma ínfima parte do cogumelo, uma espécie de ponta de "iceberg". O cogumelo possui um corpo subterrâneo constituído por filamentos muito finos - o micélio – que se espalha ao longo de metros e metros de solo, alimentando-se de matéria orgânica em decomposição, por exemplo madeira apodrecida. São disso exemplo o champignon de Paris, a *Cladocera viscosa* e o *Hypholoma fasciculare*. A amanita-mata-moscas (tóxico, podendo ser mortal) e o *Xerocomus spp*. são algumas das espécies micorrízicas que se desenvolvem nos bosques numa relação de interdependência com as coníferas e os carvalhos.

Espécies faunísticas

Peixes

São os vertebrados mais intimamente relacionados com os rios. No médio Vouga são frequentes espécies não migradoras como o barbo do norte, a boga e o ruivaco. A truta de rio e o escalo do norte são mais típicas dos rios de montanhas como o Teixeira, o Lordelo e o Sul, afluentes do Vouga. A truta de rio elege as águas correntes, bem oxigenadas, frias e límpidas. O escalo também prefere as águas correntes das montanhas ou planícies, resistindo bem a águas pouco oxigenadas. O escalo, o barbo e a boga são endemismos ibéricos com elevada importância patrimonial, estando por isso presentes no Anexo II da rede Natura 2000.

Mamíferos

A lontra é o mamífero, com hábitos anfíbios, que mais se associa aos rios. É avistada no rio Vouga, com alguma facilidade, apesar de poder deslocar-se mais de 5km, no mesmo dia, para procurar alimento. Menos popular, mas merecendo maior atenção por se tratar de uma espécie em crescente declínio, é a toupeira-d'água que escolhe os afluentes do Vouga, de águas límpidas, como seu habitat. O ouriço-cacheiro, a gineta, a fuinha, o toirão e o gato-bravo são frequentemente observados junto dos rios, atraídos pela água e por outros animais que aí vão beber. O esquilo-vermelho e os morcegos de ferradura-pequena e ferradura-grande são facilmente surpreendidos nos bosques e suas clareiras. A lontra, os morcegos e a toupeira-d'água estão presentes no Anexo II da diretiva Habitats.

Aves

Os rios e o seu bom estado de conservação são indispensáveis à sobrevivência das aves, sobretudo das espécies que deles dependem estritamente. Há espécies que se alimentam de peixes, anfíbios e larvas de insetos, e outras que procuram as florestas contíguas aos rios para procurarem alimento e nidificarem.

O guarda-rios e o melro-d'água (fig. 2) são espécies estritamente ripícolas que se alimentam e reproduzem nos rios. O primeiro é facilmente observado no rio Vouga, mas o segundo é mais comum nos seus afluentes, como é o caso do Rio Teixeira, em bom estado de conservação.

Os bosques mistos do Vouga albergam espécies como o gavião, a coruja-do-mato, o bufo-real, o picapau-verde, o chasco-cinzento, entre muitos outros.

Fig. 2 - Melro-d'água, frequente nos afluentes do Vouga onde se alimenta de pequenos invertebrados aquáticos

Répteis e Anfíbios

A herpetofauna (nome dado ao conjunto de répteis e anfíbios) ripícola da bacia do Vouga é muito rica, salientando-se a presença da rã-ibérica, do lagarto-d'água e da salamandra-lusitânica (fig 3). Destaca-se ainda o tritão-de-ventre-laranja, endemismo ibérico muito frequente nos afluentes do Vouga em excelente estado de conservação (ex: rio Teixeira) e a rã-de-focinho-pontiagudo, também endémica ibérica, mas mais rara na bacia do Vouga.

Fig. 3 – A salamandra-lusitânica é um anfíbio muito sensível ao estado de conservação das linhas de água, exigindo para a sua sobrevivência bosques de ribeira bem constituídos

Invertebrados – Libélulas e Borboletas

O Vouga e as suas margens servem de habitat a numerosos insetos. As libélulas são dos mais comuns. "As suas larvas são predadores implacáveis, alimentando-se de invertebrados, girinos e até mesmo pequenos peixes; em adultas, são predadores alados temíveis, com um apetite voraz e insaciável". As libélulas Platycnemis acutipennis, de tons acastanhados, são muito abundantes nas águas lentas do Vouga, a Lestes viridis, de cor verde metálico e corpo delicado confunde-se facilmente com as folhas de amieiro, a Libellula depressa e Anax imperator preferem o leito do rio onde disputam a supremacia aérea. As libélulas Gomphus spp. (G. vulgatissimus e G. Simillimus), apesar de serem observadas no Vouga, são menos abundantes que as primeiras. A libelinha Calopteryx virgo é abundante nas águas rápidas dos afluentes do Rio Vouga.

Dependente da vegetação que cresce nas margens do Vouga, estão também algumas espécies de **borboletas**, nomeadamente a apatura-pequena, a carnaval, a cauda-de-andorinha, a antíopa e a pandora, cujas lagartas se alimentam exclusivamente de certas plantas que aí existem, de que são exemplos os salgueiros, os sanguinhos, os freixos, as avelaneiras, as violetas e o amieiro.

A *Macromia splendens* (fig 4) era até há pouco tempo considerada uma das espécies mais raras da Europa. No decorrer dos trabalhos de ecologia de monitorização do empreendimento hidroelétrico de Ribeira-dio-Ermida foram descobertas cerca de 24 localidades novas na bacia do Vouga onde se pode observar esta portentosa libélula. A sua presença indica águas pouco poluídas em rios de caudal considerável. Esta libélula em particular está cerca de 2 a 4 anos em estado larvar dentro do rio, pelo que é considerada um excelente indicador do estado de conservação do mesmo.

Fig. 4 - A larva de Macromia splendens desenvolve-se entre as raízes encharcadas dos amieiros onde a água tem pelo menos um metro de altura. Necessita por isso de rios de caudal considerável com bosque de ribeira.

Doçaria regional das Montanhas Mágicas…

..Nesta estação fria, prove as doces tentações do mundo rural e aproveite para acalentar o corpo e a alma!

Satélite Cultural

Texto: Goreti Brandão
Fotos: Goreti Brandão e Carminda Gonçalves

Doce Regional de Sever do Vouga "Bateiras" - rio Vouga

Conhecer as montanhas mágicas poderá revelar-se uma experiência inesquecível. Deleite-se com as paisagens estonteantes, onduladas por entre montes e vales, explore o património do território, vivencie os ritmos quotidianos das nossas aldeias de montanha e deixe-se inebriar pelas iguarias da gastronomia regional.

Damos-lhe a conhecer algumas das doces tentações do mundo rural, umas

"O homem na pré-história apanhava grão de cereais bravos tendo aprendido a triturá-los e fariná-los grosseiramente com pedras, de forma a obter farinha. Quando a essa farinha juntou água e depois mel, deu início à longa história de bolos e doces que atravessou largos milénios da vida do homem". Saramago, A. E Fialho, M. (1997). Doçaria dos Conventos de Portugal.

A introdução do açúcar nas práticas culinárias da humanidade e a sua paulatina massificação contribuiu para uma mudança paradigmática na forma como o homem passou a conjugar determinados ingredientes para obter novos sabores. O açúcar passou a trabalhar ao nível das representações sociais, num mundo imaginário cheio de possibilidades, carregando uma simbologia que se foi moldando ao longo dos tempos e que deixou a sua marca nas múltiplas criações gastronómicas que se vão perpetuando através das gerações.

A gastronomia acaba por ter um papel de relevo na identidade de determinado território pois bebe das suas crenças e valores, em suma, da sua cultura. A forma harmoniosa com que se juntavam determinados ingredientes e técnicas passou a ser uma arte, dando origem a um vastíssimo património cultural que urge ser preservado.

A produção de doces regionais nas Montanhas Mágicas tem uma forte ligação com a alimentação rural e emerge com as festividades típicas do Natal, Carnaval e Páscoa, assim como das festas e romarias religiosas. Usualmente fruto de heranças familiares, representam um património cultural protegido a sete chaves, em torno dos "Segredos da Confeção". Este tipo de doçaria tradicional é constituída por *"produtos portadores de elevado conteúdo simbólico, associado à ruralidade, à natureza, à nostalgia de um tempo passado, a um desejo de pertença a uma dada região, de enraizamento, de um certo regionalismo, ao prestígio e ao prazer…. são únicos pelas suas matérias-primas, pelos conhecimentos aplicados, bem como pelos usos e práticas de produção, consumo e de distribuição e que na actualidade recebem, entre outras, as denominações de produtos locais, tradicionais, artesanais ou regionais. (Bernat, E.,1996, Los Nuevos Consumidores o las nuevas relaciones entre campo y ciudad a través de los "productos de la tierra",* Agricul-

provenientes de receituários tradicionais, passados de geração em geração, outras reinventadas por empreendedores do sabor que apostaram na criação de verdadeiras explosões de prazer.

Por agora, desfrute com os olhos, porque "eles também comem" e, na próxima investida pelas Montanhas Mágicas prepare os seus sentidos para as deliciosas iguarias regionais das serras de Montemuro, Arada e Gralheira.

tura y Sociedad, nº 80-81, pp. 83-116). Por sua vez, encontramos outro tipo de doçaria típica que não tendo esta componente tradicional assume uma relação especial com o mercado, sobretudo ao nível dos circuitos de comercialização. Na sua maioria, os doces típicos das Montanhas Mágicas são processos impulsionados pelos municípios, através do lançamento de concursos, com vista a elegerem um produto de referência, na área da doçaria, que seja representativo do município em causa.

Seguidamente, damos-lhe a conhecer os principais Doces Regionais dos municípios que compõem as serras de Montemuro, Arada e Gralheira:

AROUCA

PÃO DE LÓ DE AROUCA *"Vale a pena desvendar o seu segredo e deixar-se levar pelo seu requinte"*

O ano de 1840 marca o início de uma longa tradição gastronómica no concelho de Arouca ligada à confeção e comercialização do prestigiado Pão de Ló. A receita nasce no seio da família **Teixeira Pinto** numa época em que os favores se pagavam com graciosidades. A receita genuína é um segredo de família, que se perpetuou até aos nossos dias, arrastando consigo a sabedoria tradicional na mágica conjugação de ingredientes. O Pão de Ló poderá ser adquirido em bola ou em fatias bem húmidas, sendo que poderá provar, também, os famosos melindres e cavacas. Associado às festividades religiosas do Natal e da Páscoa, todas as famílias gostam de presentear os seus familiares com os sabores inigualáveis do Pão de Ló de Arouca.

Estas iguarias da doçaria regional de Arouca podem ser encontradas em dois estabelecimentos comerciais ligados à família Teixeira Pinto, na freguesia do Burgo.

A. Teixeira Pinto

Maria de Fátima Teixeira de Sousa Gomes Tomé, lida com as massas do Pão de Ló desde tenra idade. Neste momento tem um negócio de família, numa simpática loja onde o requinte e a tradição recebem todos os que por lá queiram passar. *"…a minha família começou a fabricar os doces regionais no tempo das minhas tias e da minha mãe. Esta receita já vem da bisavó da minha mãe...as pessoas*

vinham encomendar o pão de ló para oferecer a médicos, ou a pessoas a quem devessem favores". O Pão de Ló continua a ser fabricado respeitando a receita original, tendo como ingredientes de base os ovos, a farinha e o açúcar. No final é embebido numa calda de açúcar que lhe dá um toque especial. Na altura da Páscoa e do Natal, a família tem trabalho a redobrar chegando a fazer-se cerca de 400 bolas de Pão de Ló por dia. Curiosamente, os sabores do afamado

Pão de Ló de Arouca chegaram ao conhecimento dos japoneses que depois de o provarem, fazem cada vez mais investidas para o conhecerem melhor *"tivemos a visita de vários japoneses, dizem que o nosso pão de ló é muito semelhante ao deles. Eles acreditam que está aqui a origem do pão de ló deles. Querem fazer um estudo, através da torre do tombo, para ver a origem da receita"*. Atualmente os doces regionais produzidos na casa A. Teixeira Pinto, principalmente as fatias de pão de ló e os melindres, são escoados para Porto, Gaia, Coimbra, Aveiro e Lisboa através do *El Corte Inglês*.

As combinações gastronómicas que se podem fazer com Pão de Ló são inesgotáveis, algumas já testadas por grandes chefes de cozinha, outras sustentadas no contraste do doce com o salgado que desafiamos-lhe a provar *"o pão de ló, sobretudo as fatias, que ligam bem com chá, vinho e também com alguns produtos salgados. Pode casá-las com sardinhas fritas, com presunto e com cabrito assado"*.

Casa de Pão de Ló de Arouca – A. Teixeira Pinto, Burgo, Arouca
T. 256 944 246

Alberto Teixeira Pinto & Filhos, Lda.

Maria Emília Teixeira Pinto, filha de Alberto Teixeira Pinto representa a geração mais antiga ligada à confeção da doçaria regional de Arouca. A casa comercial, com cerca de 50 anos de existência, foi edificada pelo seu pai. Conversar com ela e conhecer o seu projeto de família fez-nos recuar no tempo e mergulhar num contexto histórico onde, apesar das dificuldades económicas, o Pão de Ló já era rei. *"Antigamente a venda era só para pessoas ricas, nós tínhamos que trabalhar na agricultura para compensar. Tínhamos gado. Cozíamos à noite para de manhã ir para os campos. Depois o negócio foi evoluindo. No início o pão de ló custava 7 escudos e meio. Eu, como era muito forte, puxava a manivela com um emprego até a massa estar pronta"*. Apesar do Pão de Ló sempre ter saída, a década de 40, associada ao frenesim ligado à exploração do volfrâmio, foi um período de franca expansão na comercialização do Pão de Ló. Ele simbolizava o poder e ostentação para clientes que outrora não tiveram oportunidade de o degustar. *"Tivemos uma fase formidável, foi na altura do volfrâmio. Fornecíamos doces para a pensão Brasileira, tinha gente importante como juízes e advogados. No tempo do minério os pobres acharam-se com dinheiro e comiam o pão de ló como o pão dos ricos, comiam à refeição. Também os Ingleses e os Alemães eram bons compradores"*.

Muitos eram os clientes do afamado Pão de Ló de Arouca. O seu prestígio rompeu fronteiras e chegou a ser procurado por figuras míticas da história do nosso país tal como nos relata Emília Pinto. *"Nessa altura o pão de ló era transportado em caixas de madeira que iam pelo correio. Um dos melhores clientes foi. D. Duarte Nuno de Bragança, o pai de D. Duarte Pio. Outro era o Sr. Ramires Ferreira, dono das embarcações de bacalhau. Mas tenho uma história engraçada com o Salazar. Tinha um jantar, e por intermédio de uma professora, pediu pão de ló para o jantar. Mandamos o doce e veio um aviso dos correios a dizer que ele não apareceu. Salazar mandou uma ordem para fazermos um carimbo com a seguinte informação: ´Urgente, sujeito a deteriorar-se com a demora`. Assim se corresse mal, eram os correios os responsáveis pela demora. Depois enviamos mais vezes para jantares, ele gostava muito"*.

Casa de Pão de Ló de Arouca – Alberto Teixeira Pinto & Filhos, Lda., Burgo, Arouca
T. 256 944 115

PEDRAS PARIDEIRAS *Um doce rústico marcado pela identidade do nosso território*

O doce Pedras Parideiras foi uma criação do doceiro Manuel Bastos, conhecido, também, pelo fabrico da doçaria conventual de Arouca. Inspirado no conhecido fenómeno geológico das pedras parideiras que ocorre no lugar da Castanheira, Arouca, resolveu apostar na criação de um doce regional, rude e rústico que fizesse lembrar a jazida das pedras parideiras. A receita foi da sua total autoria, tendo como preocupação de base, a criação de um doce que se afastasse totalmente da doçaria conventual. Tendo já o doce idealizado, partiu para a conjugação de sabores típicos do nosso território, usando para o efeito ovos, açúcar, farinha e nozes. *"É importante conhecer os produtos e, as coisas boas têm que dar forçosamente uma coisa boa. Acima de tudo houve a preocupação em fazer um doce rústico com os produtos da terra que se identificassem com a cultura do nosso povo."* Paulatinamente, este doce regional passou a ser conhecido e procurado pelos visitantes e turistas, sendo também vendido na casa do pão de ló A. Teixeira Pinto, assim como em alguns restaurantes de Arouca. Se pretende provar um doce rústico, cheio de identidade, experimente o doce Pedras Parideiras.

Manuel Bastos, Rua D. Afonso Henriques, nº 2, Arouca
T. 256 944 851

CASTELO DE PAIVA

DOCES DE SERRADELO *As doces tentações das festas e romarias*

Os Doces de Serradelo são conhecidos desde os finais do séc. XIX, sendo muitas vezes apregoados como os embaixadores do concelho de Castelo Paiva. Foi no ano de 1900 que Maria da Conceição Almeida, proprietária de uma pequena industrial artesanal, se tornou a melhor doceira da região. Por sua vez, Ana Vieira Moreira foi trabalhar para casa da doceira aprendendo a sua arte no perfeito manuseamento das massas que dariam origem ao afamado pão de ló, melindres e cavacas da região de Serradelo. Estes doces para muitos associados à magia das festas e romarias eram muito procurados na altura da Páscoa. As famílias orgulhavam-se de ter na mesa uma bola de Pão de Ló de Serradelo, sinónimo de ressurreição.

Em 1985 o negócio passa a ser impulsionado pelos filhos de Ana Moreira, Vírgilio e Rosa Gomes, já habituados a lidarem com a produção dos doces tradicionais de Serradelo.

Hoje em dia, o negócio é liderado por Rosa Vieira Gomes que se mantém fiel a um receituário que foi passando de geração em geração, até aos dias de hoje. *"Temos clientes de Castelo de Paiva e de vários pontos do país. É conhecido por muita gente e a informação vai passando de boca em boca"*. Continua a participar nas festas religiosas da freguesia da Raiva: Santa Eufémia, Sra. das Amoras e no S. Domingos, assim como na Feira do Vinho Verde de Castelo de Paiva.

Doçaria Paivense, Lugar de Serradelo, Raiva, Castelo de Paiva
T. 255 762 137

O MELHOR PÃO DE LÓ DO UNIVERSO *Derreta-se com esta tentação!*

Na pequena aldeia de Folgoso, Castelo de Paiva, em pleno Vale de S. Domingos, num pequeno espaço de fabrico artesanal, sai para todo o país uma iguaria regional que dá pelo nome de "Melhor Pão de Ló do Universo". Este doce é uma receita única da autoria de António Fernandes Oliveira que, num processo de melhoramento constante de uma receita já confecionado há alguns anos, apresenta uma iguaria que lhe irá despertar os sentidos. Um pão de ló fofo e cremoso, apresentado numa caixa retangular. A ideia de o designar de forma tão arrojada, como "o melhor do

universo", surge através de uma proposta do Grupo Lágrimas, na pessoa de Miguel Júdice que *"provou o nosso Pão de Ló num restaurante em Leça da Palmeira, gostou tanto que me ligou. A partir daí passou a vender o meu produto"*. Negociaram uma nova imagem e com a ajuda do Grupo Lágrimas o nome de Castelo de Paiva, associado ao "Melhor Pão de Ló do Universo", chega a vários pontos do país. O escoamento para os restaurantes da zona norte é realizado por António Oliveira, sendo que o Grupo Lágrimas distribui pela zona sul, a partir de Coimbra.

Eulália Gonçalves, esposa de António Oliveira, é um pilar na confeção do Pão de Ló que, no final do mês, poderá chegar às 1500 unidades, sobretudo nas festividades do Natal e da Páscoa. Além dos ovos, açúcar e farinha, ingredientes de base de qualquer pão de ló, cada um deles é batido individualmente para se conseguir

a textura ideal. Assim, o segredo da receita pode estar *"na atenção que se dá a cada pão de ló"*. Poderá optar pela versão clássica, ou com sabor a chocolate.

Prove o melhor do mundo e derreta-se com esta tentação!

Casa de Pão de Ló do Vale de S. Domingos, Lugar de Folgoso, Raiva, Castelo de Paiva
T. 255 766 060

CASTRO DAIRE

A MAGIA DO BOLO PODRE

O doce regional que melhor representa o município de Castro Daire, pela tradição que encerra e pelas dinâmicas familiares que ainda hoje se desenrolam em torno da sua confeção, é, sem dúvida, o Bolo Podre. Alguns documentos atestam que esta iguaria castrense terá entre 150 a 200 anos sendo indiscutível a sua forte ligação à Páscoa. A cozedura do Bolo Podre tem uma forte carga simbólica associada à ressurreição, servindo de mote para celebrar o fim da Quaresma. De uma forma geral, em todas as aldeias e na maioria das famílias, a cozedura do Bolo Podre traduzia todo um conjunto de rituais carregados de conhecimentos e saberes que passaram de geração para geração. Tal como refere Adérito Ferreira, Gran Mestre da Confraria do Bolo Podre, *"a tradição do Bolo Podre vem correndo de geração em geração. A população tinha o forno, a lenha, os ovos e também a banha e o azeite e, no fundo, acabava por ter tudo o que necessitava para a cozedura do bolo podre. Era uma aventura na aldeia na altura da Páscoa. As pessoas trocavam dicas e sugestões"*. As aldeias eram verdadeiramente invadidas pela magia da cozedura do bolo podre. Trocavam-se saberes, sugestões e desabafos, afinava-se a receita e em torno destas relações comunitárias desenvolveram-se padrões culturais que importa preservar. *"Nasci em 55 e lembro-me da magia da fornada do Bolo Podre para o afilhado. O bolo era feito do tamanho proporcional ao afilhado…era o presente, o folar da Páscoa"*. Quanto à origem do nome, especula-se que o "podre" deverá ter surgido de uma brincadeira com a massa, a sua cor amarela poderá ter levado à expressão *"isto parece mais podre do que outra coisa"*.

Os ingredientes que são usados na confeção do Bolo Podre são os ovos, banha de porco, azeite, fermento, farinha de trigo de qualidade e manteiga pura. Sendo um bolo muito versátil, acompanha bem quer com doces, quer com salgados. *"O Bolo Podre acompanha bem com chá, numa meranda, ou uma bucha com bolo e queijo de cabra. Para beber um copo, o Bolo Podre acompanha bem com o presunto, ou outros produtos endógenos de Castro Daire. Se quisermos rodar fronteiras, podemos casá-lo com queijo da serra"*. Todas as padarias e pastelarias de Castro Daire vendem este produto regional. A Confraria do Bolo Podre está a trabalhar no sentido de o promover, ponderando avançar com um processo de certificação onde se possam associar todo um conjunto de produtores locais. Acima de tudo estão a encetar esforços para que as camadas mais jovens se deixem apaixonar pelo cheiro e a magia do Bolo Podre.

Confraria do Bolo Podre e Gastronomia do Montemuro, Av. João Rodrigues Cabrilho, BL 30, R/C, Castro Daire
T. 939 984 094

CINFÃES

MATULOS *Macios e Delicados!*

Maria Odete Monteiro Coutinho Almeida é uma das produtoras dos famosos doces de manteiga, ou Matulos. Um doce da região de Cinfães com uma forte carga tradicional que vai passando de geração em geração, perpetuando técnicas apuradas e sabores que nos transportam para tempos idos. Aprendeu a confecioná-los com a mãe, mas já a avó os comercializava nas feiras e romarias do concelho *"a minha mãe chamava-lhes biscoitos ou doces de manteiga. Ela aprendeu com a minha avó, era doceira e vendia em feiras. Faço da mesma maneira que a minha mãe, mas na altura ela*

tinha muita manteiga de vaca caseira, cozia o leite, tirava o soro e punha a manteiga numas tigelinhas…ainda me lembro".

Macios e delicados, os Matulos de Cinfães sempre tiveram um lugar de destaque nas grandes festividades da comunidade. Além de casamentos e batizados, eram confecionados em grandes quantidades para a celebração da Páscoa.

Para provar as iguarias regionais deste município, nomeadamente os Matulos, visite a Feira de Artesanato de Cinfães que decorrerá de 17 a 21 de julho de 2013. Este doce regional também poderá ser adquirido no mercado municipal, em dias de feira, nos dias 10 e 26 de cada mês.

S.PEDRO DO SUL

PÃO DE LÓ DE SUL *A arte de preservar os sabores d´outrora!*

A doçaria regional de S. Pedro do Sul, sobretudo o Pão de Ló de Sul, representa um conjunto de saberes ancestrais que se perpetuaram até aos dias de hoje. Trabalhado de forma tradicional, o Pão de Ló de Sul é confecionado apenas com ovos, açúcar e farinha, sem adição de quaisquer corantes ou conservantes, num processo demorado que pode chegar às três horas de trabalho. Só com este tipo de confeção podemos saborear o autêntico Pão de Ló de Sul, viajando no tempo em busca dos saberes de outrora. Outros doces regionais que podemos, igualmente, destacar são as delícias de amêndoa, o bolo de noz e cenoura e ainda as queijadinhas.

Todos estes sabores tradicionais podem ser degustados na "Estação de Artes e Sabores", Av. José Vaz, nº 2, S. Pedro do Sul. Além da doçaria de qualidade pode visitar o artesanato da região, assim como conhecer a oficina de tecelagem.

Estação de Artes e Sabores, Av. José Vaz, nº 2, S. Pedro do Sul
T. 232 728 198

VOUGUINHAS – Doces tentações na comunidade termal

A poucos quilómetros do centro da vila de S. Pedro do Sul encontramos o centro termal. Foi aí que descobrimos a loja dos Vouguinhas e todo um conjunto de empreendimentos turísticos ligados à família Pinto. Os Vouguinhas, um pastel de amêndoa, que faz o seu tributo ao rio que atravessa a localidade, passou a ser uma iguaria muito apreciada pela comunidade termal. A receita deste

pastel de amêndoa vem sido transmitida de geração em geração sendo que neste momento são confecionadas por Cristina Pinto. *"A minha mãe e a minha tia sempre fizeram doces em casa. A paixão pelos doces praticamente nasceu comigo e muitos dos bolos que faço atualmente, a minha mãe já os fazia".* Em relação à origem da receita, Cristina Pinto acredita que *"a minha avó antes de casar trabalhava em casa de famílias ricas. Tinhas muitas receitas que trazia dessas casas e fazia para vender na taberna da família".* Foi uma receita que importou no contacto com alguma dessas famílias.

Os ingredientes utilizados na confeção dos Vouguinhas são os ovos, o açúcar e a amêndoa que compõem um fantástico recheio com o qual são preenchidas as formas circulares de massa folhada. A qualidade da matéria-prima é uma preocupação constante, assim como o respeito pela receita original. *"Usamos amêndoa nacional de qualidade e ovos com casca. Tudo sem corantes, nem conservantes. Todos os grandes doces têm um segredo, nem se seja o cuidado e o carinho com que se fazem"*. Numa primeira fase os Vouguinhas eram mais conhecidos fora das fronteiras do concelho de S. Pedro do Sul, levados pelos clientes das termas. Gradualmente o negócio foi crescendo, granjeando cada vez mais clientes e o consenso dos consumidores no atestar da qualidade do doce das termas. Tal como indica Cristina Pinto, *"depois de personalizar as caixas, tudo foi surgindo com muita naturalidade…abrimos a lojinha dos doces e nessa altura os Vouguinhas passaram a ser mais conhecidos"*.

Casa dos Vouguinhas, Termas de S. Pedro do Sul
T. 232 724 686

SEVER DO VOUGA

BATEIRAS *Quando o doce casa com o rio!*

Manuela Freitas, proprietária da Pastelaria "Nelita", foi uma das participantes do concurso promovido pelo município para eleger o "Doce Regional de Sever do Vouga". Para o efeito, criou um doce de raiz, casando sabores típicos da região como o mirtilo e a laranja. Assim nasceram as bateiras. A forma que resolveram dar ao doce foi inspirada nas tradicionais bateiras que, ainda hoje, percorrem as águas do rio Vouga. As Bateiras têm tido uma excelente aceitação por parte dos turistas e visitantes que quando passam por Sever do Vouga, buscam os sabores autênticos da região. *"Os turistas provam, gostam e normalmente levam uma caixa. As bateiras são muitas vezes levadas para oferecer a amigos e familiares."* Tal como nos atesta Manuela Freitas, a partir do mês de março a produção de bateiras aumenta significativamente. *"O facto de este doce levar mirtilo na sua confeção acrescenta valor ao doce, porque os turistas procuram nesta região tudo o que tenha ligação com os mirtilos"*. Quando visitar Sever do Vouga atreva-se a prová-los!

Pastelaria Nelita - Av. Comendador Augusto Martins Pereira, 113, Sever do Vouga
T: 234 555 389

QUEIJADINHAS DE MIRTILO *Delicada iguaria que se derrete na boca!*

Na padaria e pastelaria "Massas Vouga" encontrará todo um conjunto de doces tentações regionais onde o mirtilo continua a ser o rei. À semelhança das Bateiras, os doces que vos apresentaremos estiveram presentes no concurso de eleição do "Doce Regional de Sever do Vouga". Aqui poderá deliciar-se com as queijadinhas de mirtilo, as barquinhas e as feijoadinhas, num encontro perfeito com os sabores genuínos da região. Manuel Freitas explica que em relação às queijadinhas de Mirtilo *"…foi uma receita que partiu do zero. Foi uma experiência feita por mim, saiu bem, correu bem. É um doce que leva amêndoa, farinha, ovos, leva calda de açúcar e doce de mirtilo. Vendemos para alguns turistas que frequentam o rio e pernoitam por cá"*.

Manuel Freitas, consciente da importância da promoção e divulgação dos seus produtos, aposta, cada vez mais, em mercados diferenciados. *"É preciso apostar diariamente…estou a tentar levar este tipo de produtos regionais para Aveiro, para que os possamos promover".*

Padaria/Pastelaria – "Massas Vouga"
Avenida Comendador Augusto Martins Pereira, 82, Sever do Vouga
T: 234 590 400

VALE DE CAMBRA

CALAMBRIAS *O doce típico de Vale de Cambra*

O dia 05 de junho de 2011 marcou o início da comercialização do aclamado doce típico de Vale de Cambra - as "Calambrias". O doce retangular, de aspeto elegante e delicado emana de um momento de inspiração de Maria Helena Almeida e Mariana Valente e teve como berço a PREVAL (Padarias Reunidas do Vale do Caima). Depois de várias tentativas na conjugação de sabores, texturas e outras alquimias com os ingredientes, criaram as afamadas CALAMBRIAS e todo um conjunto de doces que levaram a concurso, numa iniciativa do Município de Vale de Cambra para eleger o doce típico da região. Maria Helena Almeida refere que *"este é um projeto de família. Realizamos muitas experiências, conjugando sabores até obter o resultado que teve o maior consenso familiar, já que a família era a nossa cobaia. Conseguimos arrecadar o 1º, 2º e 4º lugares no concurso. Das vinte receitas que experimentámos, 10 ficaram registadas no livro de receitas"*.

A Calambria tem na base do seu delicioso sabor a castanha, o requeijão e um toque de mel, divulgando e promovendo os produtos tradicionais de Vale de Cambra. *"É formada por uma camada muito fina de massa estaladiça e recheio com textura macia"*.

A venda das Calambrias é feita na Padaria Preval e sazonalmente em alguns restaurantes, pastelarias e supermercados da região. Comercializadas em caixas próprias que as identificam, levam o nome de Vale de Cambra mais longe, no concelho e além fronteiras.

PREVAL – Rua Manuel Soares Pinheiro, nº 9, Vale de Cambra
T. 256 462 257

Elementos distintivos da arquitetura tradicional

A habitação rural nas "Montanhas Mágicas"

Satélite Cultural

Texto e ilustração: Sérgio Alves
Fotos : arquivo da ADRIMAG

" E assim permanecem séculos na sua forma quase inalterável, assentes na fraga que lhes serve de fundação, construidas de granito ou de xisto, cobertas de lousa ou colmo, ou então sinal dos tempos florescentes, de telha de canudo, pouco se diferenciando duma região para outra, ao longo da linha alta que liga os cumes das serranias."

(Arquitectura popular em Portugal, AAP 2º vol)

A organização do meio rural surge como uma resposta a um sem número de aspetos transversais ao homem e que tem origem na sua cultura, no modo de vida e nas vicissitudes próprias de cada pessoa. Num mundo moderno e apressado onde as transformações se sucedem a todo o instante, fazemos uma viagem no tempo, em que o espaço físico constitui o mote no entendimento da paisagem rural, enquanto lugar onde a ação do homem se confunde com a própria natureza. Um testemunho indelével de um passado e de vivências, onde o tempo é marcado por um ritmo muito próprio.

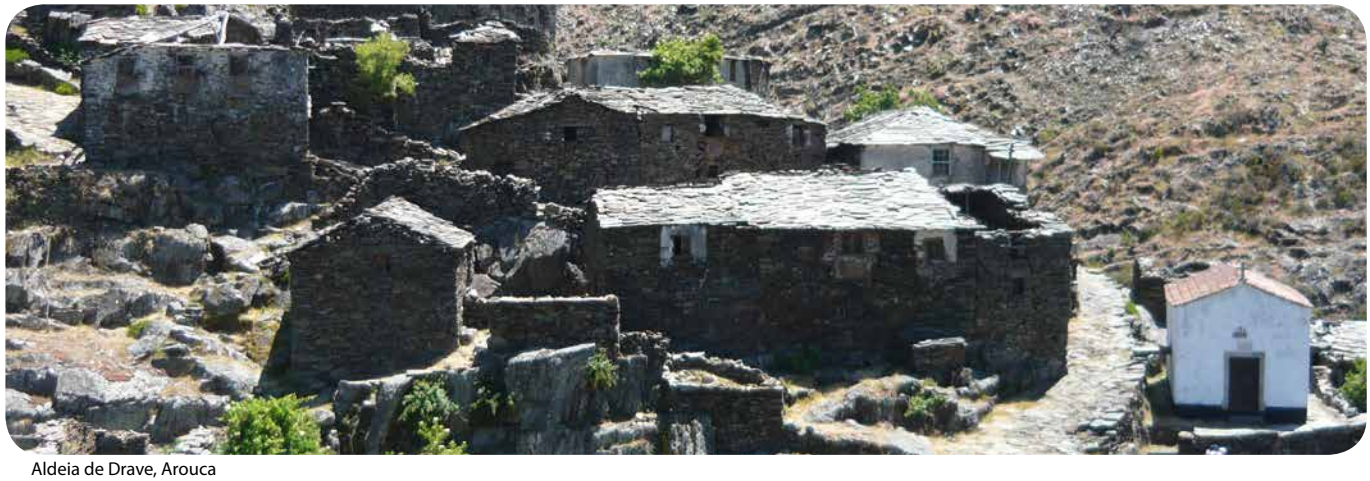
Enquadramento do território

O território das montanhas mágicas insere-se num sistema montanhoso cujas características morfológicas e geológicas tiveram desde os tempos mais remotos uma influência determinante na organização do espaço rural. O primeiro aspeto relaciona-se com o clima, que, sendo abundante em precipitações, teve na permeabilidade do solo granítico, uma profusão de nascentes naturais, originando a fertilização dos vales e uma densa arborização, tornando desde cedo atrativa a fixação das povoações.

A abundância da água, a fertilidade do solo e a boa exposição solar, foram então os fatores determinantes para que o homem se estabelecesse neste território. A agricultura e a domesticação dos animais seriam, então, o recurso principal e a base de uma vida de subsistência ligada ao campo, às serras e à natureza, contribuindo necessariamente para a criação de espaços físicos que garantissem a comodidade dos seus habitantes, bem como a preservação dos recursos provenientes do seu trabalho.

riam um caráter de rua principal, que mais tarde se ramificariam em vias secundárias. Com o crescimento do povoado, esta estrutura seria o mote para o posterior aparecimento de outros equipamentos, tais como a igreja, o adro, o cemitério, a venda e a escola primária. Contudo, nas serras de Montemuro Arada e Gralheira existem elementos únicos e inerentes a esta região constituindo um diferencial no património arquitetónico nacional. É o caso das alminhas existentes nas bifurcações, dos pelourinhos, na profusão de cruzeiros e de capelas de peregrinação. Podem-se encontrar também outros elementos mais associados à lavoura e à vida campestre, tais como as presas de água, essenciais no verão e na distribuição da água – "sangue da terra" - pelos campos e regadios, bem como as eiras com os seus palheiros e os espigueiros enquanto espaços destinados à secagem, armazenamento e ventilação dos cereais.

Noutras situações é comum encontrar um tipo de povoamento mais disseminado onde os edifícios surgem isoladamente na paisagem. Seriam habitações associadas às casas dos lavradores e numa outra dimensão às casas senhoriais.



Aldeia de Drave, Arouca

Para além da geologia deste território que teve um peso determinante na imagem serrana, não se poderá descurar as condições económicas e sociais que originaram o aparecimento destes povoados. Na verdade, trata-se de uma região onde o progresso e o desenvolvimento tardaram a chegar, o que determinou que a sua arquitetura, à semelhança do panorama nacional, se caracterizasse por edifícios de um piso ou dois, com poucas aberturas para o exterior e mantivessem sempre um caráter simples e desprovido de ornamentos. Os edifícios, tirando algumas exceções, apresentavam-se maioritariamente sem qualquer tipo de revestimento exterior (reboco), e confinavam-se, em área, apenas aos espaços necessários ao abrigo dos seus ocupantes.

O caráter montanhoso da região do Montemuro Arada e Gralheira levou a que as povoações se dispersassem em busca de locais férteis, protegidos do vento e bem expostos ao sol. No caso das aldeias, estas teriam já uma base urbana definida, sendo constituídas por uma dezena de casas orientadas em função de caminhos existentes que, à medida que os lugares se iam desenvolvendo, assumi-

Arquitetura do lugar

"Nos ermos do Montemuro – terras de desolação em que a Natureza foi madrasta e de que poderosos se desinteressaram - , o isolamento e pobreza dos recursos naturais favoreceram a persistência dos tipos primitivos de edificações"

(Arquitectura popular em Portugal, AAP 2º vol)

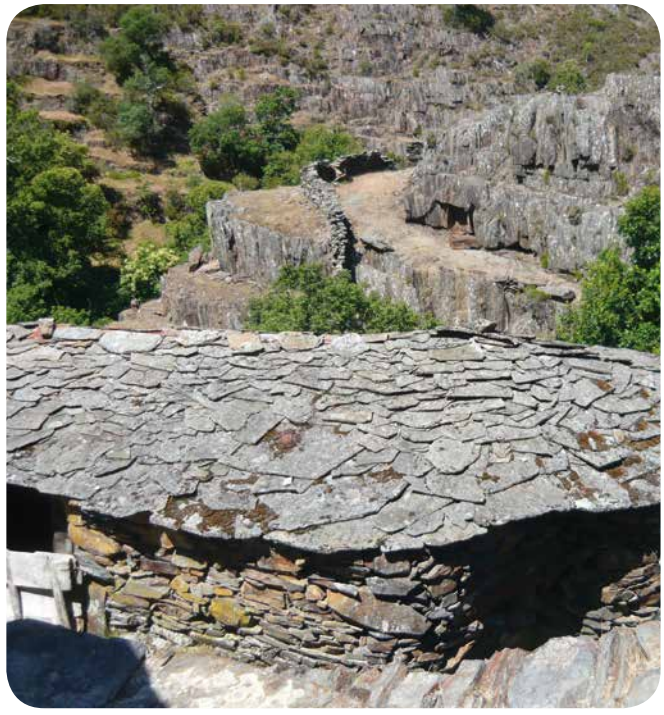
Ao erigir o seu espaço físico e de acordo com o local onde se instala, o homem recorre assim aos materiais que encontra no meio ambiente existente à sua volta. Para as paredes, utiliza maioritariamente a pedra de granito ou ardósia, cuja construção seria feita por mestres pedreiros, através de um sistema simples de aparelhamento, onde a pedra ficava sobreposta uma sobre a outra e de forma descontinuada. A fim de ser garantida a solidez da estrutura, dado o aparelho do material ser feito a seco e sem qualquer tipo de argamassas, os construtores recorriam a um sistema de "dupla madre" que consistia na construção de duas pare-

des paralelas ao longo do perímetro do edifício. Apesar de a pedra ser um bom condutor térmico, a espessura destas paredes, que poderia nalguns casos ter mais do que um metro de espessura, revelar-se-ia minimamente eficaz no comportamento térmico do edifício. Para a construção da estrutura da cobertura e do soalho, os materiais utilizados seriam a madeira de pinho ou de carvalho conforme a quantidade existente em cada região.

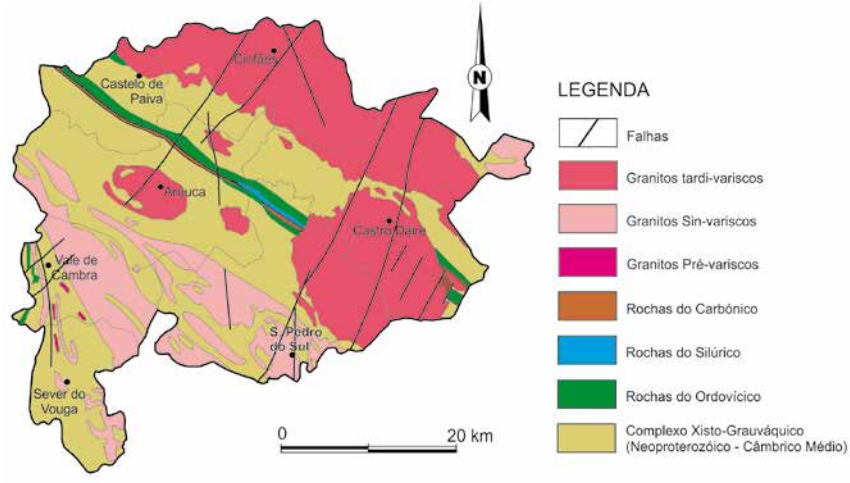
Pela observação do mapa geológico das Montanhas Mágicas, é possível perceber a existência de uma grande predominância de granito nomeadamente nos concelhos de Cinfães, Vale de Cambra, Sever do Vouga, São Pedro do Sul e Castro Daire. Esse facto permitiu que um sem número de edifícios fossem construídos – e sempre através do domínio técnicas construtivas rudimentares - neste material.

Contudo, facilmente se pode justificar nestes edifícios a presença de outros materiais provenientes de filões mais afastados, tal como a lousa, importante no revestimento das coberturas, ou então, estruturas mistas constituídas por madeira e argamassa - taipa - enquanto elemento divisório de compartimentos interiores. De acordo com a imagem, é também possível perceber a presença de um filão xistoso e que se estende por uma área que atravessa em parte o concelho de Arouca e que se estende até S. Pedro do Sul. Para o observador comum, este aspeto tornará possível uma caracterização geológica do território através da simples observação do material aplicado na construção dos edifícios dos lugares. A experiência pode ser feita em locais como aldeia de Drave em Arouca, maioritariamente construída em xisto e ardósia. Por vezes, é também possível encontrar povoados onde existe uma aplicação mista – granito e xisto - dada a proximidade aos filões de ambos os materiais. Um exemplo comum está na ardósia cuja cor "castanho enferrujado" surge por vezes em lâminas longas e com alguma espessura, permitindo assim aplicações nas padieiras e ombreiras dos vãos dos edifícios, conferindo por vezes uma traça arquitetónica que se torna singular de cada lugar. Em ambos os casos é recorrente o uso da lousa ou da telha de canudo, enquanto aplicação na cobertura dos edifícios. Apesar da aplicação deste material ser executada de forma artesanal, o modo de aplicação das lousas garantia uma grande eficiência e estanqueidade relativamente a infiltrações por acção da chuva ou da neve.

Noutros locais onde os acessos eram mais difíceis, os habitantes encontrariam soluções alternativas na conceção dos seus espaços. Será o caso da aldeia do Montemuro, onde o colmo e a palha terão sido uma solução recorrente enquanto revestimento da cobertura. O colmo estaria associado a essa escassez de materiais nas áreas circundantes e à produção de centeio que se faria nesta região. Este material também garantia uma protecção fiável contra as adversidades do tempo e um excelente isolamento do frio.



Curiosidade – arquitetura vernacular é a designação dada a todo o tipo de construção que utiliza os recursos do próprio meio e que resgata técnicas construtivas resultantes da cultura local ou popular. É um tipo de arquitetura fortemente identitário e que assume caráter regional ou local.



Fonte: (Adaptado de SÁ, Artur Abreu (2001). "Que histórias nos contam as rochas do território enquadrado pelas serras de Montemuro, Arada e Gralhei-ra? Magazine Montanhas Mágicas, nº1)

É possível também encontrar em outras regiões, onde a coexistência de vários materiais se manifestam em construções mistas, como é o caso da aldeia de Manhouce em S. Pedro do Sul. Esta conjugação de materiais que terá um reflexo importante na imagem da paisagem atual, torna-se possível graças à existência de acessibilidades e percursos pedonais, que, através de carros de tração animal, permitiam não só a distribuição dos materiais, mas também a transferência de saberes entre os diversos povoados.

Organização das "Casas de Lavrador" no território ADRIMAG

"(…)enquanto nas zonas altas de sequeiro, onde o gado é um dos sustentáculos principais da vida do serrano, a construção se limita praticamente à casa e ao curral; onde o milho aparece, aparecem também os espigueiros e as eiras o que acarreta (…) o enriquecimento das formas construtivas."

(Arquitectura popular em Portugal, AAP 1º vol)

A rotina do homem rural esteve desde sempre intimamente associada às condicionantes do estado do tempo e do aproveitamento da luz natural, o que o obrigava a levantar e a deitar-se cedo, principalmente no inverno quando os dias eram mais curtos.

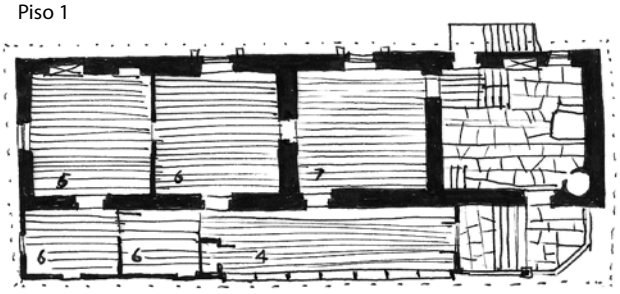
Nas zonas rurais, a organização da habitação acaba por ser genericamente homogénea em relação à de outras regiões do norte do país, uma vez que as atividades e os hábitos culturais são bastante semelhantes, ou seja, estão intimamente associados à agricultura e pastorícia.

A tipologia mais comum das casas de lavoura mantém um programa base que varia apenas na sua forma e de acordo com as condicionantes de cada local, existindo situações em que de acordo com a morfologia do terreno se pode encontrar um sistema de edifício de um piso, ou de piso e meio. Contudo, genericamente este apresenta-se com dois pisos, orientados para o quinteiro no caso de estar inserido num povoamento disseminado, ou orientado diretamente para a rua no caso de se localizar numa estrutura urbana definida. Estes apresentar-se-iam com ou sem varanda, sendo que nos casos em que não a tem, se deve apenas a condicionantes derivadas da exiguidade dos espaços.

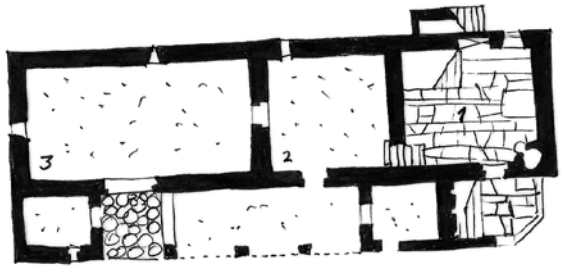
Relativamente às casas com quinteiro, estas seriam as casas dos lavradores onde o lavrador e a sua família se fixavam com o propósito de trabalhar as terras circundantes. Seriam estruturas unifamiliares e praticamente autossustentáveis, onde viveriam até quatro gerações da mesma família sob o mesmo teto. Os espaços anexos e de apoio ao trabalho do campo, tais como os sequeiros, palheiros e os espigueiros seriam construídos de acordo com as necessidades e com o número de pessoas existente. O acesso à casa seria feito por uma rua onde se encontrava o portão principal e que não raras vezes teria um coberto que protegeria da chuva.

A casa do lavrador privilegiaria sempre a orientação dos compartimentos para o pátio (quinteiro), bem como os edifícios de apoio que completariam o conjunto. O acesso à habitação seria posteriormente feito pelo pátio interior através de uma escada em pedra que daria acesso a uma varanda em madeira, normalmente sustentada por pilares em granito. Da varanda existiria o acesso à cozinha, um espaço que no contexto rural se assume como um elemento da maior importância nas dinâmicas familiares e que se assume também como espaço charneira na estruturação dos diferentes compartimentos da habitação e na organização das rotinas diárias. É, pois, a partir da cozinha que as famílias se socializam e se reúnem em torno da lareira, confecionam os seus alimentos em panelas de ferro e convivem em pequenos escabelos em torno da fogueira. Neste espaço contam-se histórias, fazem-se rezas, e dizem-se ladainhas e será nesta zona de tertúlia que o fortalecimento dos laços familiares acontecem e se desenvolvem.

Piso 1



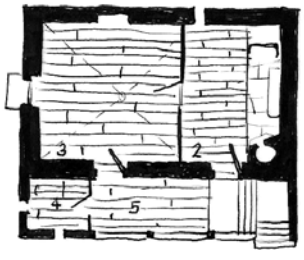
Piso térreo



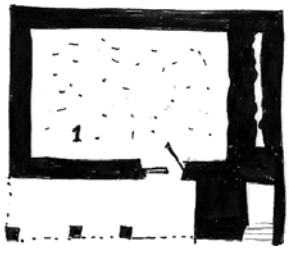
1.Cozinha 2.Adega 3.Lagar 4.Varanda 5.Sala 6.Quarto 7.Sala

A cozinha dá, depois, acesso aos quartos. Tratam-se de espaços exíguos e cuja iluminação é garantida por pequenas janelas que dão para o exterior. Por vezes nalgumas casas a passagem para os quartos encontra a sala, parte nobre da habitação, cujo uso se associa a práticas e ritos religiosos. "A sala principal, uma das maiores divisões da casa, (…) é utilizada em ocasiões cerimoniais, como a visita pascal do padre, o casamento de uma filha, ou como lugar onde se coloca o defunto. É chamada a "sala da cruz". (Aida Figueiroa, Fernando Gonçalves). A varanda, orientada a sul, serve como espaço de circulação e, nalguns casos, é usada como zona de trabalho, seja para coser, fazer renda ou trabalhar no tear. A meio piso, por vezes existe uma cozinha secundária onde se localiza, o forno, alimentado a lenha, e a masseira, elementos essenciais na cozedura da broa e na confeção dos assados. Quando não existe uma cozinha secundária o forno localiza-se na cozinha principal junto à sala e aos quartos. O quarto de banho seria no exterior, distanciado da habitação e confinado a um espaço fechado. Estaria dividido em dois pisos, sendo que o primeiro piso consistia num banco com um ou dois buracos, e onde as pessoas se sentavam a fim de satisfazerem as suas necessidades fisiológicas. Os dejetos cairiam no piso de baixo e seriam posteriormente usados como adubo nos campos.

Piso 1



Piso térreo



1.Loja/curral 2.Cozinha 3.Sala 4.Quarto 5.Varanda

O piso térreo normalmente estaria semienterrado, uma forma de tirar partido da temperatura e humidade estáveis, conferidos pelo isolamento térmico que a terra proporciona, e permitindo dessa forma a preservação dos alimentos. Para além desse fator a terra conferia e mantinha condições de temperatura e humidade controladas, essenciais para a conservação do vinho. Ao nível do piso térreo, existe também espaço para os currais que são compartimentados de forma a separar os animais adultos das crias. A colocação do curral no piso térreo não é inocente, e resulta de uma solução engenhosa ao nível da eficiência térmica do edifício. Sabendo-se que o ar quente tende a subir, esta seria uma forma de aproveitar o calor emitido pelos animais no aquecimento dos cómodos que se encontravam no piso superior da habitação. Ao lado do curral é também comum a existência de uma loja para o armazenamento dos utensílios de trabalho, tais como a "fouce", a "enchada" ou o "ancinho", servindo também no armazenamento de outros produtos tais como lenha e a "salgadeira", essencial na conservação dos alimentos.

A adega seria provida de um lagar que o agricultor utilizava para pisar as uvas vindimadas e assim produzir o vinho, néctar esse que seria posteriormente armazenado em pipas dispostas em linha ao longo deste espaço.

Desde cedo que a arquitetura vernacular, presente nas Montanhas Mágicas se assumiu como um dos mais preciosos testemunhos das memórias do passado, conferindo a este território uma muito particular identidade. É essa frágil identidade presente nas nossas aldeias e vilas que interessa preservar garantindo que os elos do passado se mantenham fortes e presentes no futuro.

O aparecimento de novos materiais e de novas técnicas construtivas, associado a uma arquitetura universal e desenraizada, surgem associados a uma mudança dos hábitos do homem moderno e poderão colocar em causa a já frágil beleza destes lugares. Urge, também, procurar da melhor forma possível, soluções no sentido de se manter a preservação destas aldeias através da consciencialização de todos os intervenientes nos projetos de requalificação, bem como estabelecer critérios de sensibilização local, tendo em vista a manutenção do património edificado enquanto elemento característico da nossa identidade.

A arquitetura vernacular afirma-se, assim, como uma chave na perceção da magia que transborda destas montanhas, tanto pelos materiais e técnicas que emprega nos seus edifícios, bem como nos hábitos das suas gentes e na solenidade dos seus costumes.

Referências:

- *Associação dos arquitectos Portugueses*, Arquitectura Popular em Portugal Volume 1, Zona 1: Minho; Zona 2: Trás os Montes, Lisboa 1988
- *Associação dos arquitectos Portugueses*, Arquitectura Popular em Portugal 2º Volume, Zona 3: Beiras Zona 4 Estremadura, Lisboa 1988
- *Leandro, Maria Engrácia*, Sociologia da Família nas sociedades contemporâneas, Universidade Aberta,2001
- *Rurália*, Revista da ruralidade, Arouca, 1994

MAG eventos

Março

1 a 30 | Vale de Cambra
De março a abril, Poesia Mil!

Semana da Poesia com encontros com escritores, sessões temáticas e exposições na Biblioteca Municipal.
Entrada livre
Organização: Município

2 | Sever do Vouga
Teatro – E tudo o Casamento Levou

Com Almeno Gonçalves e Maria João Abreu.
Preço bilhete: 10€ ou 8€ (sócios).
Hora: 22h
Local: CAE

9 a 17 | Sever do Vouga
XIII Edição da Rota da Lampreia e da Vitela

Organização: Confraria Gastronómica de Sever do Vouga
Apoio: Município e Restaurantes aderentes

24 | Castelo de Paiva
Feira Agrícola e de Produtos Regionais de Castelo de Paiva

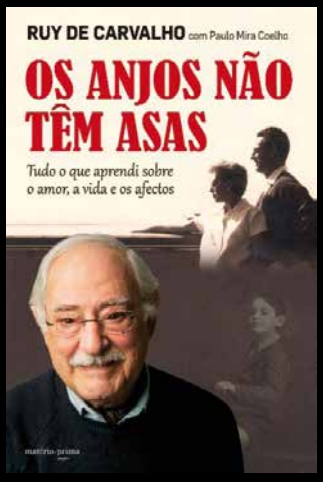
No Largo do Conde, Sobrado, das 9h às 17h

27 | Arouca
Procissão dos Fogaréus

A recriação dos últimos passos de Cristo até ao Calvário é feita na tradicional "Procissão dos Fogaréus" que percorre as ruas da vila, à luz das velas e, ao som da Banda Musical de Arouca. Com paragem no Calvário, onde se escutam as preces, os andores recriam os momentos mais significativos da Paixão de Cristo, desde a sua entrega, ao caminho percorrido com a cruz sobre o ombro e, finalmente, a sua crucificação. Uma manifestação de fé e tradição.

29 | Arouca
Apresentação do Livro "Os anjos não têm asas" de Ruy de Carvalho

Ruy de Carvalho é um nome que dispensa apresentações. Uma carreira e uma vida dão origem a um livro, onde o ator/autor declara apresentar tudo o que aprendeu sobre o amor, a vida e os afetos. O livro é apresentado por Ruy de Carvalho, seguindo-se uma sessão de autógrafos.
Hora: 18h30m
Local: Biblioteca Municipal de Arouca



30 | Sever do Vouga
Concerto de Páscoa

Participação da Banda União Musical Pessegueirense e Filarmónica Severense.
Preço bilhete: 3€ (gratuito para maiores de 65 e menores de 25)
Hora: 21h30
Local: CAE

Até dia 30 | Arouca
Exposição "Santa Eulália em imagens"

Viaje pelos locais mais emblemáticos da freguesia de Santa Eulália, em Arouca, ao visitar a exposição "Santa Eulália em imagens", patente no Museu Municipal. Esta exposição é resultado do concurso fotográfico "Santa Eulália em imagens", promovido pela Junta de Freguesia de Santa Eulál

A Casa das Pedras Parideiras: entre o misticismo e a ciência

Projetos & Iniciativas

Texto: Alexandra Paz, Daniela Rocha, Vânia Correia, António Duarte & Artur Sá
Fotos: AGA

Ao percorrer os caminhos do planalto da Serra da Freita sentimos a imensidão e grandiosidade da paisagem que se nos apresenta, pontuada por pequenas aldeias ladeadas por terrenos hortícolas, muitas vezes parecendo aprisionados por muros de pedra solta. Para quem visita a região, a aldeia da Castanheira e as suas enigmáticas Pedras Parideiras são ponto de paragem obrigatório. Esta é uma ocorrência geológica referenciada pela primeira vez em 1769 no "Diccionario Geografico", da autoria do Padre Luís Cardoso, onde é descrita como "[…] pedras que lançam outras pedrinhas pequenas em certos meses do ano, ficando-lhe as covas depois de as lançarem, e nas mesmas se vão criando outras para o ano seguinte […]" tendo por base os relatos dos habitantes da aldeia da Castanheira, que se referiam a esta rocha como a "pedra que pare pedra".

Popularmente conhecidas por Pedras Parideiras, os geólogos designam estas rochas por Granito Nodular da Castanheira, devido à sua textura nodular e à sua proximidade à aldeia da Castanheira . Este granito formou-se há cerca de 320 milhões de anos e ocupa, na atualidade, uma área com cerca de 1km2. É diferente dos outros granitos que se conhecem devido à presença de uns nódulos negros, que se apresentam bastante achatados e com dimensões que variam entre os 1 a 12 cm de diâmetro. A constituição destes nódulos tem por base os minerais da rocha granítica: externamente são formados por uma capa de biotite (mineral de cor negra) e internamente por um núcleo composto por minerais de quartzo e feldspato (minerais de cor branca-acinzentada).

Figura 1 – Nódulos, evidenciando a sua constituição interna

Porém, esta rocha possui associada a ela um misticismo muito próprio, relacionado com a pretensa fecundidade associada à libertação dos nódulos negros, como se de um ato de criação se tratasse. Por ação da erosão, em grande parte provocada pelo calor no verão e pelo frio gélido no inverno, os nódulos vão-se libertando e acumulando no solo, deixando uma pequena concavidade na rocha granítica de onde se libertaram. Contrariamente às crenças populares, cada nódulo é único, não se reproduzindo outra vez e do local de onde estes se destacam nenhum outro sairá. Por tal razão, a remoção e pilhagem destes nódulos, pelos visitantes, ameaça diretamente este património geológico singular.

Pela sua raridade, elevado valor científico e didático e também interesse turístico, as Pedras Parideiras foram inventariadas e classificadas pelo Arouca Geopark como geossítio de relevância internacional, reconhecido pela UNESCO. Foi por isso que a Câmara Municipal de Arouca, preocupada em proteger e divulgar este património, adquiriu uma antiga casa à entrada da aldeia da Castanheira, construída maioritariamente com o granito nodular da Castanheira. Essa aquisição teve como objetivo recuperar e valorizar este geossítio, dotando-o com uma infraestrutura de informação e interpretação deste fenómeno, valorizando o seu potencial científico e cultural, através do cofinanciamento do PRODER (Programa de Desenvolvimento Rural), gerido pela ADRIMAG. Em paralelo, a AGA – Associação Geoparque Arouca, através do desenvolvimento e apoio a atividades como visitas educativas e turísticas, projetos escolares, estudos, entre outros, procura informar e incentivar a participação ativa dos cidadãos na proteção deste importante património geológico, assumindo a responsabilidade pela gestão do novo centro interpretativo da Casa das Pedras Parideiras.

Inaugurada a 3 de novembro de 2012 a Casa das Pedras Parideiras disponibiliza um conjunto de três áreas de visitação:

- **Receção/Loja**. É composta por um centro de informação/divulgação turística deste geossítio e do restante território do Arouca

Figura 2 – Casa das Pedras Parideiras – Centro de Interpretação

Geopark e ainda por uma pequena loja onde podem ser adquiridos produtos locais como doces regionais, artesanato, compotas e licores, entre outros. Neste local está ainda disponível uma maquete do planalto da Serra da Freita, onde os visitantes podem ficar a conhecer diversas informações georreferenciadas desta zona, tais como: a geologia e os geossítios, fauna e flora, rede natura 2000, rede hidrográfica ou os percursos pedestres, entre outros.

- **Auditório**. Numa viagem a 3D desde os primórdios da Terra até à atualidade da região, os visitantes podem de uma forma simples compreender os mistérios das Pedras Parideiras e a importância em preservar estas rochas;

- **Infraestruturas exteriores**. Nestas podem ser observados os afloramentos rochosos de Pedras Parideiras, tanto no afloramento coberto (situado na área contígua ao auditório) como no clássico afloramento a céu aberto, percorrendo os passadiços em madeira, que permitem ainda contemplar as belas paisagens da Serra da Freita.

Figura 3 – Produtos locais à venda na Loja da Casa das Pedras Parideiras

Durante o primeiro trimestre de funcionamento deste Centro Interpretativo, foram recebidos mais de 2700 visitantes. As visitas podem ser livres ou guiadas, e individuais ou em grupo. Pode consultar toda a oferta em: /www.pedrasparideiras.com .

Horários: Aberto diariamente das 9h30 às 12h30 e das 14h00 às 17h00.

Contactos:
Casa das Pedras Parideiras - Centro de Interpretação
R. de Santo António, Castanheira
4540-012 Albergaria da Serra – Arouca
Tlf.: 256 484 093
Email: pedrasparideiras@geoparquearouca.com

Projetos PROVERE enriquecem a oferta turística das "Montanhas Mágicas"

Projetos & Iniciativas

Texto: Carminda Gonçalves
Fotos: Arquivo da ADRIMAG

Em 2009, a ADRIMAG, em parceria com um conjunto de atores locais, públicos e privados, definiu uma Estratégia de Eficiência Coletiva PROVERE e um Programa de Ação para as serras de Montemuro, Arada e Gralheira, com o objetivo de valorizar economicamente os recursos naturais e culturais do território, nomeadamente os sítios Rede Natura 2000 rio Paiva, rio Vouga, serras da Freita e Arada e serra de Montemuro, e estimular o desenvolvimento de atividades turísticas capazes de transformar esses recursos em bens e serviços transacionáveis.

Dadas as circunstâncias associadas ao contexto económico que o país atravessa, o Programa de Ação, originalmente constituído por 10 projetos-âncora e 111 projetos complementares, no valor aproximado de 68 milhões de euros, foi reformulado, sendo atualmente constituído pelos mesmos 10 projetos-âncora e por 73 projetos complementares, no valor global de cerca de 37 milhões de euros.

Apesar desta situação e do relativo atraso na apresentação das candidaturas destes projetos, aos competentes programas cofinanciadores, o território das Montanhas Mágicas tem vindo, gradualmente, a beneficiar, com o surgimento de novos produtos, serviços e equipamentos turísticos, em resultado da execução dos projetos que integram o referido Programa de Ação. Cofinanciados, na sua maioria, pelo Sub-Programa3 do PRODER, mas também, e no caso de investimentos mais avultados, pelos POR Norte – ON.2 e POR Centro – Mais Centro, estes projetos têm incutido novas dinâmicas turísticas nas Montanhas Mágicas, contribuindo para melhorar a sua imagem e o seu posicionamento no mercado nacional e internacional do turismo cultural e de natureza.

Refiram-se, a título de exemplo, algumas ações/projetos, já concluídos ou em fase adiantada de execução:

Regoufe, Arouca

Alargamento e qualificação da oferta de alojamento

• Turismo Rural de Codeçal, Casas de Campo na serra de Montemuro, Castro Daire;
• Casa de Campo Villa Augusta em Sever do Vouga;
• Down River – Casas de Campo junto ao rio Paiva em Castelo de Paiva;
• Casa da Nininha – Casa de Campo em Vale de Cambra;
• Casa da Tulha, Casa de Campo em Sever do Vouga;
• Renascer Trebilhadouro, Casa de Campo em Vale de Cambra;
• Reviver Trebilhadouro, Casa de Campo em Vale de Cambra;
• Traços de Outrora, Casas de Campo em Vale de Cambra;
• Casa do Arco, Casa de Campo na serra de Montemuro, em Castro Daire;
• Casa do Villas, Agroturismo em Castelo de Paiva;
• Retiro da Fraguinha – Remodelação e modernização de parque de campismo – S. Pedro do Sul.

Unidades de restauração

• Remodelação e modernização do restaurante Júnior em Sever do Vouga;
• Criação do Restaurante Geoparquiano, em Arouca;
• Ampliação e requalificação do restaurante "Manjar da Pedra" em Sever do Vouga;
• "O Mineiro", restaurante temático na aldeia de Regoufe, junto ao ex-complexo mineiro de Volfrâmio.

Equipamentos de apoio à exposição e interpretação geológica, ambiental e cultural

• Valorização do património natural e cultural do Arouca Geopark (equipamento multimédia e mobiliário para exposição e interpretação do património natural e cultural local), Arouca;
• Valorização do sítio das Pedras Parideiras (Casa das Pedras Parideiras), Arouca;
• Centro Interpretativo da cultural local, Castelo de Paiva;
• Centro de Interpretação da Gralheira "Casa do Ribeirinho", Cinfães.

Equipamentos turísticos e de lazer

• Beneficiação e ampliação das piscinas do Bioparque, S. Pedro do Sul;
• Douro e Vouga, Houseboats – Sever do Vouga – alojamento e passeios em "barcos casa", nos rios Douro e Vouga;
• Parque de lazer de Alhões, Cinfães
• Avivar caminhos e memórias, rede de percursos pedestres de Sever do Vouga.

Recuperação de património edificado, histórico-cultural

• Recuperação de canastros e eiras de Cedrim do Vouga, Sever do Vouga;
• Caminhos de Santiago, percurso de 40 km em Castro Daire;
• Requalificação dos moinhos da Pena, Codal, Vale de Cambra;
• Casa dos Fidalgos da Granja, espaço de exposições, atividades e espetáculos, complementares a museu etnográfico, em Cinfães.

Salienta-se ainda a recente apresentação da candidatura "Carta Europeia de Turismo Sustentável das Montanhas Mágicas", pela ADRIMAG, à Federação Europarc, desenvolvida no âmbito do Projeto de Gestão da Parceria PROVERE "Montemuro, Arada e Gralheira". Está igualmente em curso o Estudo do Património Geológico das Serras de Montemuro, Arada e Gralheira, com vista ao possível alargamento do Arouca Geopark aos restantes 6 municípios das "Montanhas Mágicas", bem como se encontra em fase final de preparação o concurso público para a criação da Rota da Água e da Pedra-Centro, nos municípios de Castro Daire, S. Pedro do Sul e Sever do Vouga, projeto aprovado pelo POR Centro – Mais Centro.

Caro leitor/a,

O MAGazine, Montemuro, Arada e Gralheira – Montanhas Mágicas vai já na sua 8ª edição. Desde a primavera de 2011 temos vindo a promover e a divulgar o nosso território levando até si as mais diversas notícias, artigos, ilustrações e informações sobre assuntos ligados às temáticas do turismo, ambiente, cultura, projetos e iniciativas de investimento.

É com muita satisfação que temos registado o gosto e o interesse do nosso público por este veículo de informação e promoção e, como tal, vamos dar-lhe continuidade, com a mesma periodicidade, fazendo coincidir a sua publicação com as estações do ano.

A edição da primavera de 2013 sairá com uma imagem renovada e algumas novidades editoriais.

Até breve!

Contactos Úteis

Arouca

Câmara Municipal de Arouca
Telefone: 256 940 220
E-mail: geral@cm-arouca.pt
www.cm-arouca.pt

Posto de Turismo Arouca
Telefone: 256 943 575
E-mail: otilia.vilar@cm-arouca.pt

AGA - Associação Geoparque Arouca
Telefone: 256 943 575
E-mail: geral@geoparquearouca.com
www.geoparquearouca.com

Castelo de Paiva

Câmara Municipal de Castelo de Paiva
Telefone: 255 689 500
E-mail: geral@cm-castelo-paiva.pt
www.cm-castelo-paiva.pt

Posto de Turismo de Castelo de Paiva
Telefone: 255 699 405

Castro Daire

Câmara Municipal de Castro Daire
Telefone: 232 382 214
E-mail: geral@cm-castrodaire.pt
www.cm-castrodaire.pt

Posto de Informação - Museu Municipal de Castro Daire
Telefone: 232 315 837
E-mail: museumunicipal@cm.castrodaire.pt

Cinfães

Câmara Municipal de Cinfães
Telefone: (+351) 255 560 560
E-mail: geral@cm.cinfaes.pt
Site: www.cm-cinfaes.pt

Posto de Turismo de Cinfães - Museu Municipal Serpa Pinto
Telefone: (+351) 255 560 571
E-mail: culturacmc@mail.telepac.pt

S. Pedro do Sul

Câmara Municipal de S. Pedro do Sul
Telefone: (+351) 232 720 140
E-mail: geral@cm-spsul.pt
Site: www.cm-spsul.pt

Posto de Turismo de S. Pedro do Sul - Termas de São Pedro do Sul
Telefone: (+351) 232 711 320
E-mail: turismo@cm-spsul.pt

Sever do Vouga

Câmara Municipal de Sever do Vouga
Telefone: (+351) 234 555 566
E-mail: cm.sever@cm-sever.pt
Site: www.cm-sever.pt

Posto de Turismo de Sever do Vouga
Telefone: (+351) 234 555 566 (Ext 43)
E-mail: adeliacorreia@cm-sever.pt

Vale de Cambra

Câmara Municipal de Vale de Cambra
Telefone: (+351) 256 420 510
E-mail: geral@cm-valedecambra.pt
Site: www.cm-valedecambra.pt

Posto de Turismo de Vale de Cambra
Telefone: (+351) 256 420 510

Outros

Turismo do Porto e Norte de Portugal, E.R.
Telefone: 800 202 202 / (+351) 258 820 270
E-mail: turismo@portoenorte.pt
Site: www.portoenorte.pt

Turismo Centro de Portugal
Telefone: (+351) 234 420 760
E-mail: geral@turismodocentro.pt
Site: www.turismodocentro.pt

Propriedade:
ADRIMAG
ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO RURAL INTEGRADO DAS SERRAS DO MONTEMURO, ARADA E GRALHEIRA

Cofinanciamento:
PROVERE
Programa de Valorização Económica de Recursos Endógenos
ON.2 O NOVO NORTE
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE
QREN QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL PORTUGAL 2007-2013
União Europeia
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional